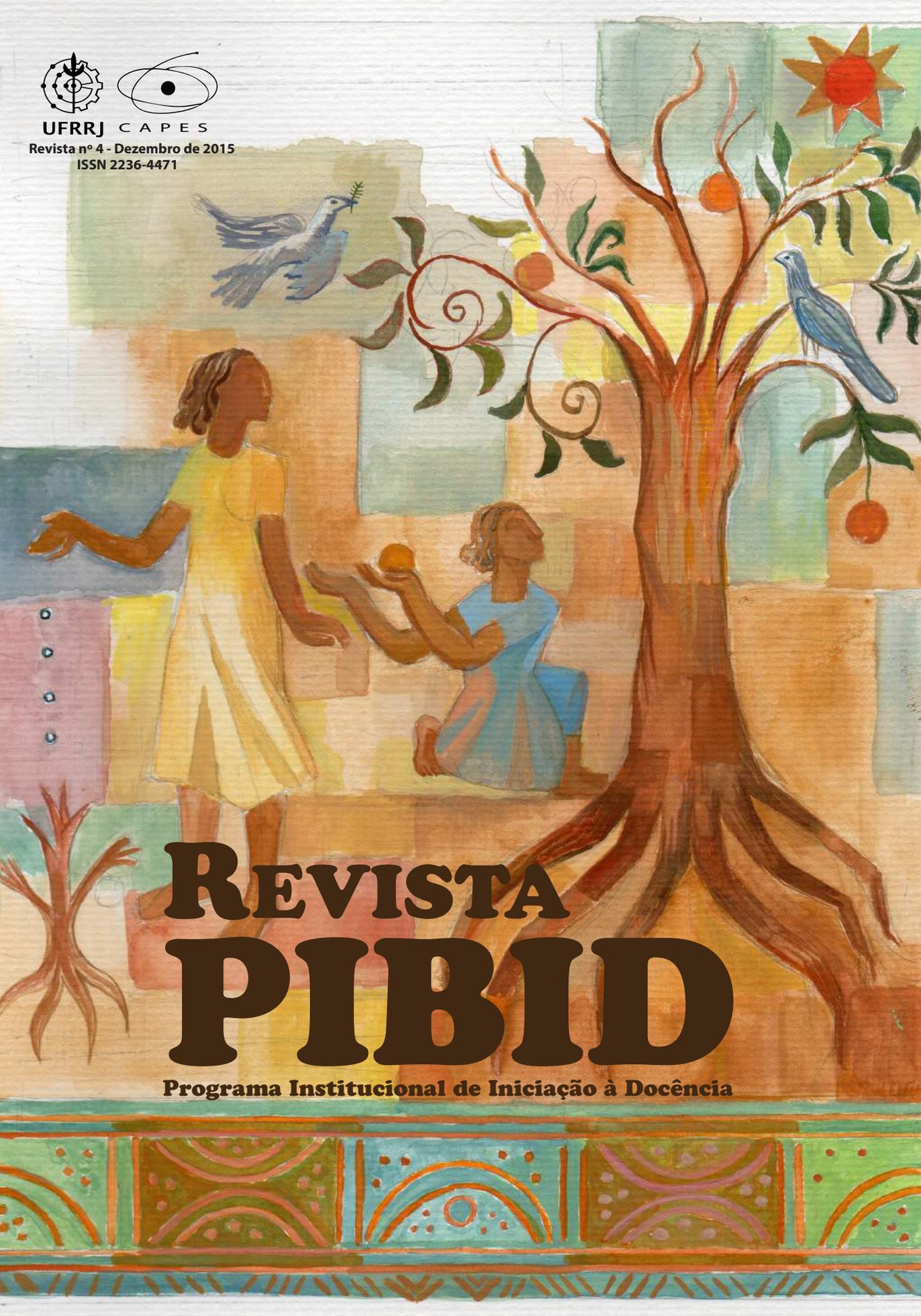


UFRRJ CAPES

Revista nº 4 - Dezembro de 2015
ISSN 2236-4471



REVISTA PIBID

Programa Institucional de Iniciação à Docência

SUMÁRIO

EDITORIAL 4
O fortalecimento da docência através do Pibid

6 **CITAÇÕES**

OPINIÃO 9
O papel do professor na educação

13 **LICENCIATURA EM FOCO**
A importância do Pibid nas licenciaturas da UFRRJ

ÁREA DAS CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

16
Física - 18
Geografia - Nova Iguaçu - 20
Geografia - Seropédica - 22
Matemática - Nova Iguaçu - 24
Matemática - Seropédica - 26
Química - 28

ÁREA SAÚDE E VIDA

32 - Biologia
34 - Ciências Agrícolas
36 - Educação Física
30

ÁREA DE HUMANAS

38
Belas Artes - 40
Ciências Sociais - 42
Filosofia - 44
História - Nova Iguaçu - 46
História - Seropédica - 48
Interdisciplinar - Nova Iguaçu - 50
Interdisciplinar - Seropédica - 52
Letras / Espanhol - Nova Iguaçu - 54
Letras / Português - Nova Iguaçu - 56
Pedagogia - 58

A FALA DA REITORA

Ana Dantas comenta sobre a formação docente **61**

64 **DESTAQUE**
Bolsistas ajudam na administração do Pibid/UFRRJ

EU RECOMENDO **66**

68 **QUEM FAZ**

OLHARES **70**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Ana Maria Dantas Soares
REITORA

Eduardo Mendes Callado
VICE-REITOR

Lígia Cristina Ferreira Machado
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Roberto Carlos Costa Leles
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Katherina Coumendouros
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Cesar Augusto Da Ros
PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Pedro Paulo de Oliveira Silva
PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS

Nidia Majerowicz
PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS FINANCEIROS

Valdomiro Neves Lima
PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO, AVALIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Sara Araújo Brito Fazollo
COORDENADORA INSTITUCIONAL

Francisco de Moraes
Gustavo Souto Perdigão Granha
Vladimir Lombardo Jorge
Wanderley da Silva
COORDENADORES DE ÁREA DE GESTÃO DE PROCESSOS EDUCACIONAIS

Adriana Alves Fernandes Costa
Aírto Ceolin Montagner
Alice Bitencourt Haddad
Amparo Villa Cupolillo
Andre Santos da Rocha
Aparecida Cayoco Ikuhara Ponzoni
Aparecida Maria Abranches
Beatriz Wey

Bruno Matos Vieira
Claudio Maia Porto Cristiane
Cardoso Debora Ribeiro Lopes Zoletti
Dora Soraia Kindel
Douglas Monsores de Melo Santos
Elisa Lima Abrantes
Felipe Santos Magalhaes
Gisela Maria da Fonseca Pinto
Glaucia Cristiani Montoro
Jean Rodrigues Sales
Jonas Alves da Silva Junior
Jose Henrique dos Santos
Jose Ricardo da Silva Ramos
Juaciara Barrozo

Gomes Leandro Dias de Oliveira
Luciana Dilascio Neves
Marcia Costa Chaves
Maria do Rosario da Silva Roxo
Maria Mercedes Teixeira Da Rosa
Maristela da Silva Pinto
Monica Pinheiro Fernandes
Nelma Garcia de Medeiros
Orlando Marques da Costa
Raquel Alvim Pereira
Regina Maria de Oliveira
Ribeiro Renata Rozental Sancovsky
Roberto Botelho Rondinini
Rosa Maria Marcos Mendes
Rosineide Guilherme da Silva
Sissi Aparecida Martins Pereira
Vania Cristina Machado
Viviane Conceicao Antunes Lima
Wellington Mary
COORDENADORES DE ÁREA

Editeuza Dias de Queiroz
Francisco Antonio Lopes Laudares
COLABORADORES

Natália Carolina Oliveira Tavares
Tiago da Silva Pimentel
BOLSISTAS DE APOIO TÉCNICO

REVISTA PIBID - EXPEDIENTE

Kleber Costa
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Kleber Costa e Wallerya Rosa
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Letycia Nascimento e Mateus Cabot
PRODUÇÃO E REPORTAGEM

Título: *Colheita*
Renato Melo Amorim
ARTE DA CAPA

Natália Carolina Oliveira Tavares
Sara Araújo Brito Fazollo
REVISÃO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)
APOIO INSTITUCIONAL

Publicação anual, distribuição gratuita
Tiragem: 1000 exemplares
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Pró-Reitoria de Graduação
BR 465, Km 07 - Prédio Principal, Sala 94
23897-000 - Seropédica - RJ
<http://portal.ufrrj.br/pro-reitoria-de-graduacao/programas/pibid-programa-institucional-de-bolsa-de-iniciacao-a-docencia>
pibid.ufrrj@gmail.com



A INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Sara Araújo Brito Fazollo
Coordenadora Institucional do Pibid - UFRRJ

Possui Graduação em Letras Português/Espanhol pela UFRJ (1996), Especialização em Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas pela UFF (1997), Mestrado em Letras Neolatinas (área de concentração: Literaturas Hispânicas) pela UFRJ (2001) e Doutorado em Letras (área de concentração: Estudos de Linguagem, subárea de Estudos Linguísticos - Linguística Aplicada) pela UFF (2008). Possui experiência no ensino da Educação Básica de 1983 a 2009. No Ensino Superior, sua experiência iniciou-se em 1997 compreendendo-se até os dias atuais. É professora -Adjunto Doutor IV- da UFRRJ do Departamento de Letras, do Instituto Multidisciplinar, ministrando disciplinas de Língua Espanhola, Linguística Aplicada e Estágio Supervisionado em Língua Espanhola, além de atuar com monitores de língua espanhola. Desenvolve trabalho de orientação de pesquisa em formação docente, ensino/aprendizagem de língua estrangeira e Linguística Aplicada. Atuou como Coordenadora dos cursos de Licenciaturas em Letras (Português/Espanhol e Português/Literaturas) no biênio de 2010 e 2011. No PIBID/UFRRJ, atuou como Coordenadora de área do Subprojeto de Letras, de 2009 a 2012 e desde 2012 atua como Coordenadora Institucional.

JUAN FERNANDES



Durante os anos de 2014 e 2015, o Pibid - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência foi o programa que teve maior expansão no Brasil na área da Educação. Em 2013, fomentava 49 mil bolsas e no edital 061/2013, que deu-se o seu início em 2014, já começou com 90 mil bolsas, segundo dados da Capes/2014. Com esse indicativo de crescimento, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro integrou-se a esse universo e que, também, permitiu a expansão dos cursos de Licenciaturas. Salvo os cursos de Licenciatura em Turismo a distância, em Economia Doméstica e em Educação do Campo, os demais cursos de Licenciaturas todos participam dessa edição de 2013, contamos com 17 subprojetos de única licenciatura e 2 interdisciplinares, nos dois campi da UFRRJ, Nova Iguaçu e Seropédica, atuando de forma interdisciplinar entre eles. Com isso, expandimos de 131 bolsistas de Iniciação à Docência do edital 2009/2012 e 132 do edital 2011/2012 para, neste edital vigente, a um total de 562 licenciandos bolsistas. Somando a estes, os professores da Educação Básica como Supervisores, os professores do Magistério Superior como Coordenadores de área, de Gestão e Institucional, o Pibid/UFRRJ totaliza 709 bolsistas.

Diante desse cenário, podemos perceber que as contribuições cresceram e os impactos na sociedade envolvida nesse processo, também, aumentaram. Nesse sentido, é possível compreender o avanço que o Pibid proporciona aos bolsistas deste Programa, a partir de uma construção coletiva de saberes interdisciplinares na integração e articulação entre a Educação Básica e a Universidade, especialmente pela (trans)formação permanente pautada na teoria e prática que orientam para um conhecimento coletivo mais humanizado, elevando, sobretudo, os alunos à condição de cidadãos críticos e conscientes diante de uma sociedade, por vezes, perversa e desigual.

Como programa de incentivo à formação de professores, o Pibid traz a possibilidade dessa articulação entre a teoria e a prática e a reflexão sobre os saberes, não só os acadêmi-

cos, mas como os conhecimentos de mundo de um modo geral, visando assim, uma vida melhor tanto no âmbito profissional como no pessoal.

A vivência do cotidiano escolar, promovida por esse programa, leva o licenciando a repensar o papel do educador nos dias atuais, desde a perspectiva do fazer docente quando se entende que o ser professor não é simplesmente promover a transmissão de conhecimentos, mas sim, facilitar esse conhecimento ao aprendiz, é levá-lo à construção do seu próprio saber.

“O Pibid tem sido um importante espaço para a consolidação dos cursos de Licenciaturas na UFRRJ.”

Sara Araújo Brito Fazollo
coord. institucional do Pibid - UFRRJ

Assim, pensar a docência, quanto a sua concepção, é construir valores que se relacionam entre si de forma tal que o professor torne-se, também, além de formador de opinião, ator nas questões políticas, em que na sua interação no cotidiano da sala de aula, poderá promover ações articulatórias desse saber e o desenvolvimento crítico do cidadão, numa perspectiva de conscientização da necessidade de mudança que urge na sociedade desse nosso tempo. Acreditamos que o principal objetivo da educação, para o sujeito dessa geração é, como diz Paulo Freire, “criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram”. E é nisso que os governantes precisam continuar investindo. Um programa de valorização do magistério que incentive a formação docente e continuada dos professores em atuação nas salas de aula, para possibilitar, com isso, a criação do novo no sentido de recriar o que temos para alcançar os alunos que sonhamos ter como futuros profissionais, que irão dirigir e governar o nosso país num tempo não tão longínquo, e que poderão transformar as realidades tão díspares que se apresentam em todas as regiões da nossa pátria brasileira.

A partir destas considerações, o Pibid/

UFRRJ vem contribuindo significativamente para a formação do futuro professor, incentivando para que a prática docente seja a de atuar para transformar, assim como no desenvolvimento de estratégias que sejam inovadoras no ensino/aprendizagem que permitam aos aprendizes constituírem-se como cidadãos críticos e conhecedores de seus direitos e deveres, com capacidade de reflexão atuando/interferindo no contexto sociocultural onde se inserem.

Ressaltamos ainda que o Pibid tem sido um importante espaço para a consolidação dos cursos de Licenciaturas na UFRRJ, pois, ademais de ser um incentivo à valorização do magistério e ao despertamento para o licenciando em cultivar a essência do ser professor, contribui como espaço de pesquisa e avaliação dentro da perspectiva formativa nos diversos cursos de licenciaturas. Como respostas do desenvolvimento das ações pibidianas na UFRRJ, temos obtido vários resultados de produtos originados desse programa, como trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrados; apresentação de trabalhos em eventos diversos; muitas produções e publicações de artigos para livros e revistas, e em especial, ao livro do Pibid/UFRRJ edição 2015, além desta revista que contempla uma pequena mostra do trabalho desenvolvido pelo Pibid/UFRRJ.

“A vivência do cotidiano escolar leva o licenciando a repensar o papel do educador nos dias atuais.”

Sara Araújo Brito Fazollo
coordenadora institucional do Pibid - UFRRJ

Atualmente, especialmente nos findos 2015, estamos vivendo uns tantos ajustes financeiros do governo, não sabemos ainda os rumos que a sociedade brasileira vai tomar. Porém, queremos acreditar que um programa como esse, de tantos desafios conquistados e respostas dantes nunca encontradas para as infinitas perguntas que os professores fazem diariamente sobre a sua condição de educador no nosso país, continue mostrando a diferença que pode causar na sociedade, as contribuições para a valorização dos professores e o incentivo aos licenciandos a viverem, de fato, a docência. Com isso, podemos dizer como Cora Coralina, que feliz é aquele que transfere o que sabe e ensina o que aprende. Para tanto, basta apenas que tenhamos uma sociedade leitora, que a partir da compreensão do mundo e da existência do ser humano possamos crer que somos capazes de elevar a criança que recebemos nas escolas a um nível de excelência em leitura. A partir daí, estaremos tomando consciência do valor da educação no nosso país, e estaremos contribuindo para uma sociedade leitora, capaz de ler o mundo e os que nele habitam, numa perspectiva crítica e humanizada de cidadania. O Pibid tem essa missão de facilitar a leitura, de levar o sujeito a essa condição de leitor crítico através de suas ações formativas. Continuemos neste caminho... da docência do respeito, acreditando que podemos ainda viver num mundo melhor, em que os humanos sejam capazes de interagir com o outro atuando com respeito e dignidade e ao final da carreira do magistério possamos dizer com orgulho: Sou professor! ■

CITAÇÕES

“

Feliz aquele que transfere o que sabe e ensina o que aprende.”



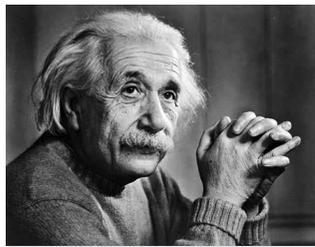
Cora Coralina



Jean Piaget

“O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.”

”



Albert Einstein

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.”

”

“

Os livros não mudam o Mundo, quem muda o Mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.”



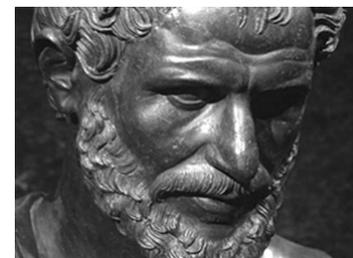
Mário Quintana

“

A educação tem raízes amargas, mas os seus frutos são doces.”



Aristóteles



Heráclito de Efeso

“Não sabendo ouvir, não sabem falar.”

”



Bartolomeu de Queirós

“É necessário ter uma sociedade leitora para que a criança se faça leitora.”

”

“

Se não houver frutos, valeu a beleza das flores; se não houver flores, valeu a sombra das folhas; se não houver folhas, valeu a intenção da semente.”



Henfil

“

Criadores aprendem o que desejam aprender. Não sabemos quanta liberdade de criação é morta nas salas de aula.”



Alexander S. Neill



Lev Vygotsky

“O saber que não vem da experiência não é realmente saber.”

”

PIBID: FORMANDO PROFESSORES PARA ASSEGURAR O DIREITO À EDUCAÇÃO

A importância da formação de professores para assegurar uma educação de qualidade para todos é uma ideia bastante disseminada, no mundo todo, há muito tempo. No Brasil, quais são as ações concretas para a valorização do professor e de sua formação? Qual o papel do Pibid para o avanço dessa discussão e desse cenário? Qual o sentido da recente mobilização dos bolsistas pela manutenção do Programa?

Quase 70 anos após a Declaração Universal dos Direitos Humanos, ainda nos encontramos distante de superar a barbárie que permanece abalando o mundo. Naquele momento histórico de pós-guerra, a educação era tomada como o caminho para que o respeito aos direitos e liberdades pudessem ser reconhecidos e observados nas diferentes nações. Além disso, por esta Declaração afirma-se, veementemente, que todos têm direito à educação, que esta deve ser oferecida gratuitamente, pelo menos nos níveis mais elementares, deve visar à plena expansão da personalidade humana, deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos. Nesse sentido, a educação de qualidade para todos se colocou como um imperativo não só para o desenvolvimento econômico, mas essencialmente, para uma formação humanística e ética, voltada para a manutenção da paz mundial.

É inquestionável o papel do professor para promover a educação de qualidade para todos, com acesso e permanência das crianças e jovens nas escolas, o que vem gerando uma crescente demanda pela formação de mais e melhores profissionais. Este reconhecimento também vem dando ensejo a iniciativas internacionais no sentido de estabelecer recomendações válidas para todos os países. Debates que remontam à década de 1960 já tratavam da situação dos docentes no mundo e apontavam para a necessidade de formação inicial e continuada, remuneração adequada, condições de

ARQUIVO PESSOAL



Alessandra Santos de Assis é a presidente do Fórum Nacional do Pibid - Forpibid - e também a coordenadora institucional do Pibid na Universidade Federal da Bahia

trabalho para ensino de qualidade, estabilidade e promoção na carreira, entre outros aspectos.

O problema é que, em muitos lugares, apesar dos esforços, a valorização do professor ainda não é uma realidade. A Lei do Piso Salarial, sancionada em 2008, é um bom exemplo, pois é uma lei complementar que atende ao princípio constitucional da valorização docente, resultante de debate com a sociedade. A Lei do Piso estabelece um valor mínimo para o vencimento dos profissionais da educação no país, bem como determina que o máximo de 2/3 da jornada de trabalho do professor deve ser destinado à interação com os alunos e que 1/3 seja direcionado para as atividades extraclases (estudos, planejamento, preparação de aulas, encontros com pais, com colegas, com alunos, reuniões pedagógicas, avaliação, etc.). Embora represente um avanço, a Lei encontrou resistência dos governos estaduais e ainda não é aplicada em todos os estados, sendo deliberadamente ignorada e descumprida, sem que os próprios professores se mantenham na luta por esse direito conquistado.

A Política Nacional de Formação Docente é outro marco importante, uma reivindicação histórica, que encontra ressonância na gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Foi instituída através do Decreto N. 6.755/2009, que também disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no fomento a programas de formação inicial e continuada para professores da Educação Básica. Tal iniciativa aponta para a possibilidade de uma visão mais sistêmica de gestão da formação inicial e continuada de professores. O documento define princípios relevantes, como o compromisso do Estado com a formação visando assegurar o direito à educação; a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação; o reconhecimento da escola como espaço de formação; a importância do projeto formativo nas IES; a compreensão do professor como agente formativo de cultura e da necessidade de seu acesso permanente a informações, vivência e atualização culturais, etc. Entre os objetivos dessa Política tem destaque a intenção de ampliar o número de docentes atuantes na educação básica pública que tenham sido licenciados em instituições públicas de ensino superior, preferencialmente na modalidade presencial. A Lei também cria os Fóruns Estaduais Permanentes de Apoio à Formação Docente e determina que a Capes incentivará a formação mediante programas de iniciação à docência.

Assim surge o PIBID, como parte da Política Nacional de Formação Docente e apontando para novos rumos da gestão das políticas de formação de professores. A partir de 2009, o regime de colaboração entre governo e IES instituiu um efetivo planejamento participativo, ano a ano, com o diálogo promovido pela CAPES com os coordenadores institucionais para a definição de marcos legais e troca de experiências. Em paralelo, ocorreu uma progressiva transição do Programa, que tem início como uma ação governamental e ganha status de uma política de Estado, com a inserção do Pibid na LDB, no PNE e dos princípios formativos do Programa incorporados nas recentes Diretrizes Nacionais para a Formação de Professores, elaboradas pelo CNE.

Além da gestão democrática da política educacional, o Pibid faz nascer uma nova cultura de formação docente, que provém da pluralidade de experiências formativas em cada local. Os depoimentos, principalmente, de egressos do Programa revelam a conquista da autonomia, a valorização da prática docente como oportunidade de investigação e produção de saberes, a perspectiva de dar continuidade à própria formação. Com isso o

Pibid transforma, radicalmente, o modo de formar professores, avançando concretamente numa dimensão cognitiva tanto quanto a dimensão humanista e ética da profissão docente.

“É inquestionável o papel do professor para promover a educação de qualidade para todos.”

Alessandra Santos de Assis
Presidente do Forpibid

Entre os jovens que passam pelo Programa é criada a expectativa de que surjam oportunidades para atuarem profissionalmente na Educação Básica. Isso pode ser interpretado como a principal revolução catalisada pelo Programa, pois sabemos da correlação entre a escassez estrutural de professores e o desinteresse pela profissão, causada pelas precárias condições de trabalho e de remuneração. Para alguns, a experiência vivida o Pibid desperta o desejo de ser professor e o compromisso com a aprendizagem dos alunos, apontado para a possibilidade de superação de situação oposta, na qual o chamado “mal estar” docente contribuía para a vitimização da categoria profissional e o descaso com as crianças e jovens. Aliado a isso, o acesso a uma formação que estimula o senso crítico instiga a geração de futuros professores a enxergar a desvalorização profissional como um problema político, a ser enfrentado permanentemente pelo conjunto dos atores sociais do qual ele faz parte.

Sem dúvida, tal mudança na cultura de formação tem a ver com a aproximação entre universidade e escola pública alavancada pelo Pibid. No livro *Universidade do Século XXI*, Boaventura de Souza Santos nos ajuda a pensar que, evidentemente, vincular universidade e escola é uma proposta que se contrapõe ao movimento das fundações e institutos privados dominantes no campo das políticas educacionais. Nesse contexto, é dada ênfase à racionalidade econômica na educação, traduzindo qualidade de ensino na medição da aprendizagem por testes padronizados. Também, é predominante a lógica de privatização da formação de professores, um dos mais rentáveis negócios do merca-

do educacional de hoje. Portanto, O Pibid disputa esse espaço, colocando a universidade para ultrapassar a sua tradicional postura da crítica, materializando um efetivo compromisso entre a universidade e escola pública, com colaboração e integração entre formação e prática docente.

Uma das consequências de tal aproximação é a ampliação do conhecimento sobre o ensino e a aprendizagem, que permite compreender realidades específicas, como vem sendo veiculado pela Revista da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Aqui, desde os primeiros números, está em debate a integração universidade-escola, a composição de redes entre escolas, a importância do Pibid dentro das universidades, a formação de educadores nas diversas áreas de conhecimento, o uso e produção de recursos didáticos, etc. Os relatos de experiências, fundamentados teórica e metodologicamente, apresentam reflexões sobre erros e acertos no cotidiano da formação docente na escola. Como uma significativa amostra do modo como o conhecimento é produzido e socializado no Pibid, a Revista oferece ainda uma experiência estética única, que eleva a interlocução com os leitores para além dos limites do cognitivo, possibilitando uma compreensão ampla e sensível do que se diz e se faz no campo da formação de professores nessa instituição.

O volume de produção bibliográfica no âmbito do Pibid chama a atenção pela quantidade e qualidade, sendo comparado aos trabalhos elaborados na pós-graduação. Mais que isso, o conhecimento construído se destaca pelo processo como é produzido, imbricado na experiência reflexiva e traduzindo o pensamento crítico dos professores (profissionais da educação básica, professores-pesquisadores e iniciantes). Trata-se de um conhecimento vivo, elaborado no cotidiano, na escola, com a escola e para a escola.

Ao ampliar o número de professores formados, revitalizar as licenciaturas, incrementar a massa crítica sobre a educação e os problemas da profissionalização docente, o Pibid também se tornou alvo das oscilações das ações governamentais. As dificuldades financeiras que vem afetando a educação, a despeito dos protestos da sociedade, também atingiram o Programa. As dificuldades políticas, com destaque para as disputas que culminam com distribuição de cargos pelo governo sem um respaldo técnico, também vem atingindo seriamente o Programa. São cortes de recursos de custeio, cortes de bolsas, discursos que desqualificam o Pibid e anunciam mudanças a serem feitas pelo Ministro da Educação sem dialogar com as IES. Essa nova postura do governo pode significar um retrocesso no qual o grupo formado por atores da mesma linha política ameaça destruir o que o próprio governo criou, tendo como resultado a automática perda de credibilidade.

ARQUIVO PESSOAL



Para Alessandra Assis, o Pibid desperta o desejo de ser professor e o compromisso com a aprendizagem dos alunos

Diante da instabilidade e incertezas, vem tendo um papel fundamental a atuação do Fórum Nacional do Pibid, o Forpibid. Em defesa do Programa, foi desencadeada uma ampla mobilização, com audiências públicas na Câmara Federal, Senado e Assembleias Legislativas dos estados, atividades nas praças das diversas cidades do país, divulgação de cartas abertas. Na oportunidade de manifestação dos bolsistas via carta aberta foram coletadas mais de 70.000 assinaturas e uma rede social dinâmica onde quase 18.000 participantes vem expressando suas impressões e opiniões acerca do Programa, com depoimentos, vídeos e imagens. O ForPibid vem somando apoio com a manifestação do Conselho Nacional da Educação (CNE), assim como de respeitadas entidades da sociedade civil (SBPC, ABC, Anped, Anpocs, Forgrad, Andifes, Conif, Abruem, etc.). De modo geral, o movimento de defesa do Programa impressionou não só pelo número de participantes, articulação e qualidade das intervenções sociais, políticas e culturais realizadas, mas porque revelou o reconhecimento conquistado pelo PIBID diante de sua árdua tarefa de promover a valorização do professor da educação básica e de sua formação.

É fato que sem professores valorizados e devidamente formados, as mudanças no ensino ficarão cada dia mais distante. Mas, o descaso com a educação, que tem reflexos no modo improvisado como os professores foram historicamente formados no Brasil, pode estar com os dias contados. O Pibid surgiu como parte do esforço de qualificar a formação, mostrando-se como um caminho possível de valorização do professor e de sua formação, dando condições para que uma nova geração de professores compreenda a complexidade da profissão docente, atue com autonomia e ética, bem como fortaleça seu compromisso com a aprendizagem dos alunos. Ademais, a mobilização pela manutenção e continuidade do Pibid nos ensina que tornar-se professor é, também, aprender desde cedo a lutar, permanentemente, pelo direito à educação de qualidade para todos. ■

LICENCIATURA EM FOCO

A discussão em torno da formação dos professores continua a ocupar espaço significativo na literatura, nas pesquisas e, por inferência, nos espaços institucionais com a responsabilidade de realizar esta formação, tanto inicial quanto continuada.

Dois aspectos podem ser considerados a partir dessa constatação: primeiro o reconhecimento da importância desses profissionais, enquanto sujeitos históricos e sociais, para a construção de um processo educativo de natureza emancipatória e, portanto decisiva à construção de uma democracia viva; o segundo e relacionado ao anterior, a necessidade de se atribuir legitimidade aos saberes desses professores na construção de sua prática docente e, portanto, da sua própria identidade como professor.

Tais aspectos evidenciam um deslocamento na perspectiva da formação de professores, de uma concepção instrumental e tecnicista orientado pelo paradigma da racionalidade técnica para uma perspectiva sócio-cultural filiada ao que tem sido chamado de paradigma da racionalidade prática. Este deslocamento traz em seu bojo o grande desafio de se superar a dicotomia entre teoria e prática que historicamente sempre prevaleceu nos processos formativos. Neste sentido, busca-se assumir a docência como práxis justamente porque preenchida social, política e ideologicamente.

Nesta perspectiva, é preciso considerar que a formação de professores deva abranger dimensões diversas de modo articulado, tais como a conceitual relativa a uma área de conhecimento, a ética, a social e a cultural. Para isto, a prática se constitui como ponto de partida e ponto de chegada, ou seja, alimenta o processo formativo de modo a se investir na formação de um profissional crítico que reflete de forma sistematizada acerca de questões concretas que emergem da/na atividade docente.

Este é um grande desafio para as instituições formadoras que durante muito tempo tiveram como referência o modelo “3 + 1”, que corresponde a três anos de disciplinas relativas à área de conhecimento específico e um ano relativo às disciplinas de cunho pedagógico sem qualquer articulação entre elas.

Ao mesmo tempo em que se vivenciam mudanças paradigmáticas na concepção de formação de professores, as Instituições Federais são convidadas a participar de um proces-

KLEBER COSTA / ASSESSORIA PROGRAD



Lígia Machado está à frente da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro desde março de 2013

so de expansão do ensino superior público. Respondendo a este convite, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, por decisão de seu Conselho Universitário, adere ao Programa de Expansão do Governo Federal – Expansão Fase 1 – e ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni. Isto se traduz na criação de novos câmpus – Nova Iguaçu e Três Rios – e na criação de novos cursos de graduação, particularmente na área de Humanidades.

Assim, ganham força no cenário acadêmico da UFRRJ os cursos de licenciatura. Para responder a esta nova demanda e, atendendo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, Cursos de Licenciatura, de graduação plena – Resoluções CNE/CP No 1 de 18 de fevereiro de 2002, e CNE/CP No 2 de 19 de fevereiro de 2002, a UFRRJ aprova o Programa Institucional de Formação de Professores da Educação Básica da UFRRJ através da Deliberação nº 138, de 11 de dezembro de 2008. Este programa emerge de um longo trabalho realizado junto à Comissão Institucional Coordenadora da Criação e Reestruturação dos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Portaria 589/GR de 14/07/2008) sendo amplamente debatido no Fórum de Coordenações dos Cursos de Graduação.

O Programa Institucional de Formação de Professores da Educação Básica da UFRRJ prevê o Núcleo de Disciplinas Pedagógicas comum a todas as Licenciaturas e, ainda, o Núcleo de Pesquisa e Prática Pedagógica constituído por disciplina de prática pedagógica (60 h), Núcleos de Ensino, Pesquisa e Extensão (120 h), Monografia (120 h), Estágio Supervisionado (400 h) e Atividades Complementares (200 h). Além disso, propõe como opcional a inclusão da atividade acadêmica Educação e Sociedade cujo objetivo é o tratamento de temas de interesse selecionados pelo curso através de atividades presenciais ou virtuais. Tal organização curricular representa um grande avanço à medida que tem como objetivo promover uma formação que articule ensino, pesquisa e extensão.

KLEBER COSTA / ASSESSORIA PROGRAD



Lígia defende a continuidade dos programas de formação de professores, como o Pibid e o Parfor

Uma grande novidade apresentada no programa se refere à criação da Comissão Permanente de Formação de Professores – CFPF – tendo como objetivo maior realizar o acompanhamento e apoio aos cursos de licenciatura da UFRRJ e reúne representantes de todas as licenciaturas e dos programas acadêmicos voltados à formação de professores. Recentemente, esta comissão teve seu regimento interno aprovado pela Deliberação N.º 39, de 31 de julho de 2015, do Conselho Universitário da UFRRJ. Em suas últimas reuniões foram constituídas subcomissões para analisar e avaliar a implantação e realização de algumas atividades acadêmicas como os Núcleos de Ensino, Pesquisa e Extensão (Nepe's), os estágios supervisionados e a AA013 – Educação e sociedade. Ao mesmo tempo, a atuação da Comissão Permanente de formação de Professores, respondendo a um contexto maior,

tem capitaneado juntamente à Pró-Reitoria de Graduação discussões acerca das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores aprovada em julho de 2015 bem como da Base Nacional Comum Curricular. Estas ações são fundamentais para uma avaliação mais geral dos cursos de licenciatura na UFRRJ de forma a se propor encaminhamentos de possíveis reestruturas conceituais e, por inferência, curriculares.

“A missão do Pibid é investir na valorização do magistério através do fortalecimento dos cursos de licenciatura.”

Lígia Cristina Ferreira Machado
pró-reitora de Graduação - UFRRJ

Vale ressaltar que o investimento na formação de professores pela UFRRJ não se restringe à oferta de cursos de licenciatura em diferentes áreas, mas inclui programas acadêmicos que se articulando aos cursos de graduação viabilizam um contexto que expande os espaços e tempos formadores.

Entre estes programas está o Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), cuja missão é investir na valorização do magistério através do fortalecimento dos cursos de licenciatura. A UFRRJ participa do Pibid desde o seu primeiro edital publicado em 2007, quando ainda encontrava-se circunscrito às áreas de ciências exatas e da natureza. O Pibid se expandiu e o Pibid da Rural também, sendo hoje um programa político e pedagógico forte e muito bem estruturado que contribui de forma decisiva para a articulação entre teoria e prática e, portanto, à formação de um professor crítico-reflexivo. O programa se realiza a partir de uma articulação com escolas públicas situadas na área de abrangência da universidade e seu atual projeto, “Desafios da

formação: cotidiano escolar e práticas docentes na educação básica integrando saberes”, envolve 19 cursos de licenciatura e uma equipe formada por 1 coordenador institucional, 4 coordenadores de gestão, 39 coordenadores de área, 77 supervisores (professores da Educação Básica), 534 licenciandos, além de 13 professores da UFRRJ que participam como colaboradores (Dados extraídos do relatório parcial do Pibid - 2014).

Outro programa é o Parfor – Plano Nacional de formação de Professores da Educação Básica - voltado para professores das redes públicas de ensino que teve início na UFRRJ no ano de 2010. O programa se traduz em um compromisso político-pedagógico da universidade com a formação continuada de professores, uma vez que aqueles que participam já exercem a docência. O processo de seleção se realiza através da Plataforma Freire e exige a homologação da inscrição dos candidatos pelas Secretarias de Educação as quais os mesmos atuam. Atualmente, a UFRRJ oferece através do Parfor os cursos de Pedagogia, Letras, Matemática, História e Segunda licenciatura em Filosofia. Os cursos ofertados pelo Parfor tem exigido uma grande discussão em torno do sentido e mesmo da realização de uma formação continuada de professores, à medida que se reconhece a experiência acumulada por esses sujeitos que já atuam nas escolas e salas de aula e que precisam ser consideradas no processo formativo. Assim, atividades acadêmicas como, por exemplo, o estágio supervisionado ganham novos contornos e matizes de modo a se investir efetivamente em uma articulação teórico-prática

oportunizando a reflexão fundamentada sobre e a partir da própria prática pedagógica.

Considerando os marcos normativos da Política Nacional de Formação do Magistério da Educação Básica – Panafor, a UFRRJ adere à Rede Nacional de Formação Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública em agosto de 2013 e constitui seu Comitê Gestor Institucional de Formação Inicial e Continuada de Profissionais da Educação Básica. O Comitê é formado por representantes das Licenciaturas, das Pró-Reitorias de Graduação, Pós-Graduação e Extensão, da Coordenação do Parfor e da Coordenação da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e uma de suas atribuições é a condução de uma política institucional de formação inicial e continuada de profissionais da Educação Básica. Assim, gerindo recursos financeiros alocados na matriz orçamentária da Universidade por meio da Ação 20 RJ, o Comitê Gestor tem coordenado a oferta de cursos de graduação (Licenciatura em Educação do campo), pós-graduação lato-sensu (História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e Docência em Educação infantil) e extensão (Pró-Conselho e Conselho Escolar) para profissionais da Educação Básica.

Acreditando que a educação, e particularmente a educação escolar, é decisiva para que transformações sociais tomem lugar conduzindo à construção de uma sociedade mais democrática, a UFRRJ investe de forma cada vez mais qualificada na formação de profissionais do magistério da Educação Básica tanto na graduação como na pós-graduação e extensão.

A UFRRJ quer sonhar a educação como sonho possível sem parecer ingênua como nos ensina Paulo Freire e, para isto, é preciso considerar os limites históricos, mas também os espaços a serem preenchidos. São nestes espaços/lacunas que o sonho pode ser materializado. Portanto, coerente com um projeto maior de educação libertadora e transformadora é que esta instituição assume o processo de formação de professores em uma perspectiva crítica-reflexiva e acima de tudo cidadã. ■

KLEBER COSTA / ASSESSORIA PROGRAD



Para Lígia Machado, o Pibid na Rural é um programa político muito bem estruturado, que articula teoria e prática proporcionando uma formação de professor crítico-reflexiva

ÁREA DAS CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA



FÍSICA PARA ALÉM DAS FÓRMULAS

Apresentar aos alunos de ensino médio que física é muito mais do que uma gama de fórmulas é a missão do Pibid Física da UFRRJ

ILLAN PELLEMBERG



Coordenador de área do Pibid Física, Cláudio Maia Rosa (terceiro da dir. p/ esq.) e bolsistas durante II Seminário Interno do Pibid da UFRRJ ocorrido em 2015

► Letycia Nascimento

Pibid Física aposta em experimentos práticos ligados diretamente ao cotidiano dos alunos. É assim que atua, desde abril de 2014, o subprojeto “Física no cotidiano: elaboração de material didático e módulos experimentais” na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Sob a coordenação do professor Cláudio Maia Rosa, com a colaboração do professor Francisco Laudares e um supervisor escolar, 10 bolsistas do curso de Física da Universidade Rural buscam despertar o interesse dos alunos pela disciplina. Os pibidianos juntamente aos professores Cláudio e Laudares elaboraram experimentos que despertam o interesse dos estudantes sobre o que é Física e como percebê-la no cotidiano subjetivo de suas vidas.

Atualmente, o subprojeto atua no Colégio Estadual Waldemar Raythe, localizado no centro urbano de Seropédica. O colégio tem baixo índice de rendimento escolar, na maioria dos casos por conta da disciplina de Física.

Com a atuação do projeto na escola, as notas dos alunos no Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro (Saerj) melhorou significativamente devido a forma como os bolsistas abordam os conteúdos com os alunos: de forma mais direta e leve.

Entender o funcionamento de uma escola da rede pública de ensino é imprescindível para a atuação desses bolsistas, futuros profissionais atuantes na formação de cidadãos. Mesmo com o estágio obrigatório, é no Pibid que os bolsistas encontram um verdadeiro esclarecimento sobre as dificuldades da docência.

A bolsista do projeto lasmin Nascimento considera que o Pibid abre os olhos para o que é a escola e mostra como ela realmente funciona. Para ela, poder dar aula e partilhar com o coordenador as dificuldades em aplicar o conteúdo é fundamental para aprender a superar os problemas no presente e no futuro.

“O Pibid leva a gente a uma realidade do que é a escola e [revela] se a docência é realmente algo que queremos levar para a vida”, completa Tabatha Cristina, que também é bolsista do projeto.

Buscando combater as dificuldades no aprendizado da disciplina, o subprojeto atua com abordagens experimentais, que trazem aos alunos a visualização do que aprendem

no conteúdo programático escolar, com experiências que ligam seu cotidiano e que gera neles um real interesse.

Desde experimentos mais elaborados, como o que mostra o funcionamento do chuveiro elétrico, aos mais simples, como o que exemplifica a força centrípeta usando apenas um copo de água com barbante, tudo é passado aos alunos com leveza, determinação e paixão pela ação física nos objetos.

Tabatha considera que o Pibid lhe dá uma maior facilidade na percepção das dificuldades dos alunos do ensino básico, até porque ela ainda é estudante da graduação:

“Ensinar os conteúdos com esse olhar, um pouco aluno, facilita entender melhor como funciona a cabeça no aprendizado desses conteúdos.”

Já Zowguifer Emilio, bolsista e aluno do 9º período do curso, entende no Pibid formas distintas de passar o conteúdo, já que para ele, o que funciona para o aprendizado de um aluno não necessariamente funciona para outros.

Com diversas formas de levantar debates sobre a disciplina, os bolsistas ouvem muitos agradecimentos dos alunos sobre a forma como apresentam os conteúdos. Em geral, o subprojeto trabalha com 10 pequenos temas da disciplina em que abordam diretamente a realidade de vida dos alunos.

“Ouvir do aluno um ‘Se meu professor tivesse me explicado assim eu já teria entendido’ é incrível, você se sente capaz e estimulado”, declara Tabatha.

O coordenador, Cláudio Maia, vê diversas vantagens no projeto para a formação dos universitários que se veem mais envolvidos nas disciplinas, entendendo-as de forma mais enérgica e completa:

“O envolvimento em uma atividade extra-

classe é visivelmente maior nos alunos que participam do projeto.”

O aperfeiçoamento da escrita também é um ponto fundamental na diferença em que o projeto traz para os bolsistas.

“Por não ser um curso de muitas palavras, a prática escrita é muitas vezes deixada de lado e no Pibid trabalhamos muito isso com eles, principalmente com os relatórios que precisam entregar. Harmonizar pensamentos e conseguir amarrá-los é fundamental para a formação”, comenta Cláudio.

No segundo Seminário Institucional Pibid/UFRRJ, realizado nos dias 16 e 17 de junho o subprojeto apresentou o tema “Os Desafios da Docência: perspectivas e inovações na formação do professor”, com base em informações empíricas recolhidas pelos alunos bolsistas e coordenadores, na busca por aperfeiçoar as formas de lidar com a disciplina. Nesses dias foram realizados experimentos e minicursos pelos bolsistas.

PARCERIA

Junto ao Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Física, o Pibid organiza uma olimpíada municipal para todas as escolas de Seropédica. O objetivo é promover a atividade, buscando estimular os alunos da rede de ensino do município a desenvolverem seus interesses pela disciplina, além de medir o nível de aprendizado dos mesmos aos conteúdos apresentados.

PIBID E COMUNIDADE

O que surpreende muito todos os que trabalham com o Pibid é a falta de conhecimento dos alunos da rede básica de ensino do município sobre questões aparentemente simples e inseridas logicamente no contexto escolar. No ano de 2015, a bolsista Tabatha Cristina foi questionada por um dos alunos de 3º ano da escola onde atua, sobre a forma como fez para dar entrada na graduação.

“Em uma das turmas que fomos, um aluno nos perguntou como fizemos para entrar na faculdade e isso me assustou, porque eles não sabiam nem a existência do Enem”, disse Tabatha.

Mudar a visão de toda uma comunidade sobre o que é Física é a missão planejada do subprojeto. Já mudar a visão dos alunos da rede pública de ensino sobre o que é a Universidade tem sido uma consequência do trabalho realizado com amor e empenho. ■

ILLAN PELLEMBERG



Experimentos práticos auxiliam estudantes a compreenderem melhor o conteúdo da Física

PIBID GEOGRAFIA N. IGUAÇU: DESCONTRAÇÃO, EMPENHO, ÂNIMO E PAIXÃO PELA GEOGRAFIA

O clima amistoso da convivência entre bolsistas, coordenadores e supervisores, é claro no desenvolvimento do Subprojeto de Geografia do IM e isso é a chave para seu sucesso



LETYCIA NASCIMENTO / ASSESSORIA PROGRAM

► Leticia Nascimento

Com um título bem extenso, o subprojeto de Geografia do Instituto Multidisciplinar no Câmpus de Nova Iguaçu busca, desde 2011, fugir dos padrões comuns do ensino da área em um dos seus temas transversais: o meio ambiente.

É entendendo a linguagem de uso comum dos alunos, sua forma de melhor assimilação do conteúdo que os doze bolsistas, sob a coordenação das professoras Cristiane Cardoso e Edileuza Queiroz, desenvolvem atividades junto e para com os alunos.

Partindo de reuniões semanais que visam a formação teórico-conceitual-prática, os coordenadores, supervisores e bolsistas trabalham para desenvolver oficinas lúdicas e mais atraentes para os estudantes das escolas.

Para o ano de 2015, a horta foi escolhida no desenvolvimento do conhecimento da Geografia nas escolas municipais Professor Osires Neves e Monteiro Lobato, na cidade de Nova Iguaçu,

com os alunos do Ensino Fundamental II.

“Não é a horta pela horta e sim todo o processo. As questões dos agrotóxicos, da reforma agrária, tudo que envolve a terra”, explica Edileuza.

O projeto da horta visa trabalhar com os alunos as noções de agroecologia, uso de agrotóxicos, reciclagem, lixo, problemas socioambientais, solos e bacias hidrográficas da Baixada Fluminense, por exemplo.

O maior desafio que encontram se esbarra mais nos problemas financeiros do que no trato com as escolas. O que mais dificultada o desenvolvimento das atividades é a falta de recursos para realizar todas as atividades que gostariam, porém o que os torna mais criativos,

envolvidos com a proposta e próximos da realidade das escolas públicas.

Nos anos anteriores ao projeto, atividades como a criação de jogos e maquetes para o ensino da Geografia nas áreas de geologia, identidade, formação e a questão ambiental da Baixada foram elaborados com o intuito de desenvolver a produção do conhecimento. Com essas dinâmicas o maior objetivo é fazer com que o aluno se reconheça como morador da região, envolto em sua realidade com o ensino da disciplina.

A partir do envolvimento do projeto com as escolas, os alunos participaram do Ciclo de Oficinas do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Geografia (Conepeg), assim há um grande diálogo entre a universidade, o Pibid Geografia e as escolas, para além dos encontros fechados. No evento, os alunos apresentaram o desenvolvimento de suas atividades com a horta no aprendizado da Geografia.

“Nosso objetivo é um só, melhorar a educação do país.”

Edileuza Queiroz
coordenadora de área do subprojeto

O retorno positivo da parte dos alunos chega ao projeto de diversas maneiras, seja pelo próprio empenho dos alunos em participar das atividades no contra turno, pela melhoria do empenho em outras disciplinas ou aumento da nota dos colégios no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

O retorno não vem somente dos alunos das escolas, mas dos próprios professores. Estes passam a observar a atuação dos bolsistas e suas novas formas de lidar com o ensino da disciplina. O aumento na participação nos projetos de extensão do ensino oferecidos pela Universidade é claro após o início da atuação do Pibid.

“O Pibid é uma forma de aprimorar não só o desenvolvimento dos futuros professores, mas dos que já estão atuando na área. Fazer com que a Universidade se torne um ponto de encontro que vise a formação inicial e continuada destes profissionais. Afinal, o nosso objetivo



LETYCIA NASCIMENTO

Juntos, os 12 bolsistas, coordenadores e supervisores desenvolvem atividades e pesquisas buscando o aperfeiçoamento profissional

é um só, melhorar a educação do país”, relatou Edileuza.

O desejo do projeto é conseguir chegar ao ensino médio das escolas, mas para isso precisariam de no mínimo mais seis novas bolsas para os estudantes da UFRRJ.

Aos alunos da universidade, o Pibid trouxe o desejo de trabalhar com a docência, muitos vem desenvolvendo pesquisas com temas relacionados ao ensino, há vários artigos apresentados e publicados em congressos, capítulos de livros, monografias e até dissertação. Como é o caso da aluna Isabela Medeiros, ex-bolsista do Programa que atualmente é mestranda em Geografia pela UFRRJ e está estudando o Pibid Geografia-IM e sua contribuição na formação docente.

Júlia Ananda, bolsista do projeto, acredita que “se todas as pessoas tivessem acesso ao Pibid, veriam a docência de uma maneira diferente. Entenderiam o quão prazeroso é lidar com a educação”, e essa não é uma opinião só dela, mas de todos os 12 bolsistas envolvidos com o projeto.

A paixão pela docência trazida através do Pibid fez com que os alunos Lisiane Frazão, Lucas Quintanilha e Júlia Ananda optassem por não reduzir seu tempo de estágio nas escolas, direito que têm por participarem do projeto. ■



PIBID GEOGRAFIA - NOVA IGUAÇU

Alunos das escolas parceiras participaram ativamente no Conepeg 2015

PIBID GEOGRAFIA SEROPÉDICA: CONSCIÊNCIA SOCIAL E GEOGRAFIA UM LAÇO PARA A HUMANIDADE

Atrlando a importância de formar cidadãos conscientes, bolsistas do Pibid Geografia em Seropédica descobrem a paixão pela docência

PIBID GEOGRAFIA - SEROPÉDICA



Coordenadores e bolsistas constroem aulas que inspiram os alunos a compreender melhor sobre o mundo em que vivem

► Letycia Nascimento

Práticas educativas no cotidiano escolar. É com envolvimento total com a proposta do projeto que atua o Pibid Geografia em Seropédica. Objetivando atrair o ensino da disciplina ao meio cotidiano dos alunos é o que delimita, ou não, a profundidade do projeto desenvolvido por 26 bolsistas, supervisionados por três professores da rede de ensino do Município e sob a coordenação de André Santos da Rocha e Leandro Dias de Oliveira.

Desenvolvido na Escola Municipal Pastor Gerson Ferreira Costa, Escola Estadual Alice de Souza Bruno e no Colégio Estadual Presidente Dutra, localizadas em Seropédica, o projeto atua junto aos seguimentos de ensino fundamental e médio.

Com o tema: “Geografia da Baixada Fluminense: Formação Docente e Práticas Educativas no Cotidiano Escolar”, o objetivo é capacitar bolsistas e professores supervisores para

um ensino mais dinâmico, voltado para as práticas cotidianas dos alunos no conhecimento da disciplina. com base metodológica na geografia humana e física de Seropédica, o projeto viabiliza aos alunos a reflexão sobre o lugar onde habitam.

O projeto não para no ensino básico da disciplina, mas permeia pelas relações sociais da comunidade escolar, abordando temas como preconceito racial, sexual e xenofóbico, sempre de acordo com a faixa etária dos alunos de cada escola. Para alcançar as necessidades de cada uma das turmas, os bolsistas desenvolveram junto aos supervisores uma análise das condições educacionais e sociais de cada

escola parceira, buscando sempre novas alternativas para desenvolver ações que contribuam com melhorias na educação básica.

Luana Gava, bolsista, conta que para ela essa fase foi de suma importância para aprender a entender cada um desses alunos e os meios que teriam para passar o conhecimento da disciplina.

E é junto a temas da atualidade que cada aula se desenvolve, seja por meio de curtas cinematográficas, documentários, músicas ou jornais. Com abordagens dinâmicas e instigantes a cada semana, os bolsistas, muitas vezes de faixa etária próxima à dos alunos, ganham respeito e experiência docente.

A Supervisora Marta Vasconcelos relatou que, após a implantação do projeto, o Colégio Presidente Dutra teve um aumento em sua nota no Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro (Saerj)

“Esses meninos [bolsistas] trouxeram para os alunos e até pra mim, uma nova forma de ver a Geografia, isso instigou eles [estudantes da escola] a quererem saber mais sobre os temas”, expõe Marta.

Vitor Nunes, de 16 anos, é aluno do Colégio Presidente Dutra e considera o projeto significativo para sua formação e de seus colegas. Para ele, aprender com o Pibid deixou o ensino

maçante da escola “de um jeito maneiro e fácil de aprender”.

André Rocha, coordenador do projeto, vê a importância de seu desenvolvimento de forma profunda na formação de futuros profissionais de ensino com qualidade e paixão pela docência:

“Fazer com que esses alunos [bolsistas] cheguem ao mercado de trabalho conscientes de tudo o que pode acontecer em uma sala de aula, os deixa mais preparados pra formar cidadãos maduros para a sociedade”.

Essa também é uma visão de Gabriella Rodrigues, bolsista do projeto. Segundo ela, estar numa sala de aula pela primeira vez é um pouco assustador, mas com o tempo e a prática, a confiança logo chega.

“É bom, porque quando chegarmos em sala, já como professores mesmo, nós não teremos mais esse medo, já iremos saber lidar com as turmas”, afirma.

O coordenador, Leandro Oliveira, revelou que houve um aumento significativo no número de monografias abordando a educação como tema principal, bem como no mestrado, após o início do Pibid Geografia na UFRRJ.

Para os também bolsistas, Luiz Otavio e Guilherme Borges, participar do projeto os possibilitou ver a docência com outros olhares. E assim, crescer na relação com as pessoas e as estruturas que encontram nas escolas.

“Experiência em sala de aula é prática, a gente sempre acha que o que é ensinado nas aulas de educação vai funcionar e não é bem por aí. Lá é só uma base, só se aprende a dar aula com a mente e o corpo na escola”, concluiu Guilherme. ■

LETYCIA NASCIMENTO / ASSESSORIA PROGRAD



Sempre de olho nas mudanças sociais, Marta, André e Leandro (da esquerda para direita) se empenham no aperfeiçoamento do projeto

PIBID MATEMÁTICA N. IGUAÇU: PARCERIA NO ENSINO DA DISCIPLINA

Grupo do Instituto Multidisciplinar instaura laboratório e jogos para o reforço escolar



Coordenadora Vania (segunda da esq. p/ dir.) e bolsistas: time de sucesso no apoio ao ensino da Matemática

► Mateus Cabot

Apesar de ser o menor dos 19 projetos do Pibid na UFRRJ, em número de bolsistas de iniciação à docência, o grupo de Matemática do Instituto Multidisciplinar (IM) atua de forma intensa no ensino inovador da disciplina. Coordenado pela professora Vania Cristina Machado, o grupo de cinco bolsistas e um professor supervisor leva para o Colégio Estadual Dom Adriano Hipólito, em Nova Iguaçu, novas metodologias de ensino. A coordenadora conta que, para se pensar formas criativas de aplicação da matemática em sala de aula, o grupo se baseia nos trabalhos de conclusão de curso do ProfMat, programa semipresencial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para aprimoramento da formação profissional de professores em exercício na rede pública.

Ao final dessa pós-graduação, comenta a coordenadora, os professores produzem trabalhos de sequências didáticas para conteúdos de matemática. Todos os projetos ficam armazenados numa biblioteca online:

“Nosso objetivo é buscar nessa fonte, a biblioteca digital do ProfMat, esses trabalhos de conclusão de curso e tentar aplicar nos alunos da escola parceira”.

UNIÃO COM A ESCOLA

Vania assumiu a coordenação do Pibid no colégio em 2014, após a realocação do antigo coordenador. Foi em parceria com

o professor Guilherme Machado que conseguiu com sucesso aplicar e criar os projetos, além de reformular a proposta de atuação do grupo.

Foi do professor que surgiu a ideia de instituir no colégio um laboratório unindo informática e matemática, utilizando os próprios computadores que já possuíam. Junto com o Pibid, passaram a aplicar o método Mangahigh: sistema online que se inspira em animações e quadrinhos japoneses para criação de jogos que estimulem processos matemáticos. Os desafios são divididos por níveis que precisam ser resolvidos mentalmente. A plataforma fornece ainda gráficos que facilitam a avaliação do rendimento de cada um dos usuários e acessíveis aos professores responsáveis.

A coordenadora conta também que com o Pibid reestruturado na escola, puderam reavivar o Plantão de Dúvidas, iniciativa de monitoria e assessoramento das turmas de matemática.

“A minha ideia com os plantões de dúvida foi justamente criar os espaços pra funcionar em determinados dias, com os bolsistas atuando. O plantão não funcionaria sem a competência deles”, conta Guilherme.

“A competitividade dos jogos faz com eles se esforcem e se superem.” **Filipe dos Santos**
bolsista do subprojeto

A coordenadora Vania ainda conclui:

“Uma coisa que a gente pode chamar atenção nessa ideia que o Guilherme trouxe para o projeto é que, de fato, os bolsistas estão em um processo de iniciação à docência porque o trabalho são eles que fazem”.

Com a qualidade do trabalho desenvolvido, os bolsistas são valorizados não só pelos alunos como pela escola. Como comenta Guilherme, os professores de matemática da instituição se uniram em prol das atividades do Pibid, indicando e incentivando os alunos a participarem. Essa parceria é fundamental para que o projeto obtenha resultados, segundo a coordenadora:

“Apesar de termos só o Guilherme como supervisor, outros professores da escola trabalham como colaboradores no projeto, mesmo sem bolsa, sem nada. Por isso as coisas acontecem; é um conjunto de iniciativas que as pessoas, tanto na escola quanto por parte da universidade, abraçam”.

Para finalizar o conjunto de ações de monitoria junto aos laboratórios e plantões, o Pibid desenvolve bimestralmente oficinas temáticas a partir do currículo mínimo da escola. Nesses espaços, os alunos buscam também incluir instrumentos lúdicos e jogos para instigar os alunos e mostrar formas dinâmicas de se aplicar a matemática:

“O objetivo dessas oficinas foi não fugir da ideia inicial do projeto”, explica Vania. “Todas as edições, os materiais utilizados e o trabalho desenvolvido são sempre focados na biblioteca digital do ProfMat, usando essas sequências didáticas.”

Todas as datas, atividades, resultados e informes são divulgados no Mural Matematizando, exclusivo do projeto.

A EXPERIÊNCIA

De fato, a união entre a Universidade

Rural e o Colégio Dom Adriano Hipólito deu certo. As atividades suprem não só as demandas dos alunos como também a necessidade de experiência dos bolsistas, como conta o bolsista Filipe dos Santos, que atua junto ao Pibid desde 2014:

“Muitas vezes os professores não conseguem tirar todas as dúvidas dos alunos em sala, pelo pouco tempo e pela necessidade de se aplicar todo o currículo mínimo. Então estamos ali para auxiliá-los de forma mais calma. Pra gente, é legal porque nos acrescenta a experiência de dar aula. Na faculdade, você aprende o conteúdo, mas nem todo mundo que sabe algo, sabe ensinar aquilo. É nesse projeto que temos realmente essa experiência. Aprendemos a ensinar.”

A bolsista Amanda Moreira, que assim como o colega atua no Pibid desde 2014, também sente-se mais segura em sala de aula após um ano de projeto:

“Toda essa experiência também nos ajuda muito a entrar em sala de aula, atuar com turmas grandes. No começo, ficávamos receosas com as oficinas, mas com o tempo nos percebemos cada vez mais confortáveis e seguros na hora de aplicar as atividades.”

Sobre a inclusão dos jogos e da informática, Felipe conta o estranhamento por parte dos alunos, mas revela que a criatividade os impulsionaram a tentar. Para ele, a competitividade dos jogos eletrônicos foi essencial para que eles perdessem o medo de aprender:

“Aplicamos tanto os jogos eletrônicos nos laboratórios e plantões, como também atividades lúdicas nas oficinas, o que acaba desenvolvendo certa competitividade. Através disso, eles se esforçam ainda mais para aprender. Os separamos em grupos e essa competitividade dos jogos faz com eles se esforcem e se superem.”

“É um conjunto de iniciativas que as pessoas, tanto na escola quanto por parte da universidade, abraçam.” **Vania Cristina Machado**
coordenadora de área do subprojeto

A inclusão do Pibid e a presença dos bolsistas em sala, de acordo com Felipe, não influencia apenas na superação de dificuldades com a matemática, mas também inspira os alunos a seguirem com os estudos:

“Todos nós aqui viemos de escola pública, e quando eles nos conhecem - alguém que está na faculdade e passou pelo mesmo caminho -, eles veem que é possível. Eles nos perguntam também sobre como é prestar o vestibular, como é a universidade, e isso é muito importante.” ■

SUPERAÇÃO DOS PROBLEMAS MATEMÁTICOS COM CRIATIVIDADE

Projeto de Seropédica aposta em métodos lúdicos para ensino alternativo



Coordenadora de área Gisela Pinto (ao centro) e bolsistas Lilian e Priscila: desde 2012 atuando em escolas da região

► Mateus Cabot

Desde 2011 sob coordenação da professora Gisela Maria Fonseca Pinto, em parceria com os também coordenadores Marcia Costa Chaves e Douglas Melo Santos, o Pibid de Matemática do câmpus sede da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro atua com o acompanhamento pedagógico de quatro escolas: Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (Caic) Paulo Dacorso Filho, com turmas de 1º a 9º ano; o Colégio Estadual Presidente Dutra, com ensino médio regular e formação de professores dos anos iniciais; o Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) Maria Joaquina de Oliveira, com turmas de ensino médio e ensino de jovens e adultos; e a Escola Municipal Pastor Gerson Ferreira Costa; todas no município de Seropédica.

Para suprir a demanda das quatro escolas, o grupo conta com a participação de numerosos 41 bolsistas. Sempre em duplas, o Pibid atua com o acompanhamento contínuo de turmas fixas. Cada dupla permanece com o mesmo grupo de alunos por um semestre, no intuito de desenvolver intimidade, conhecer a característica dos estudantes, desenvolver uma relação de parceria com o professor e ajudá-lo tanto a planejar aula, quanto a definir e aplicar atividades. Sobre o acompanhamento, a coordenadora Gisela explica:

“Matemática é uma área muito particular, porque apresenta uma série de dificuldades que vem sendo acumuladas ao longo dos anos escolares. Como os bolsistas têm idade muito mais próxima dos alunos, eles se sentem muito mais a vontade para tirar dúvidas com os nossos universitários do que procurar o professor. Então a gente tenta atuar exatamente nos bastidores das aulas.”

DETECTANDO FRAGILIDADES

Após o período de acompanhamento e observações participativas, os bolsistas evidenciam as fragilidades em comum que se destacam nas turmas, e é a partir desses pontos – ou a pedido do professor – propõem e desenvolvem atividades. Todas as ideias são compartilhadas em reuniões semanais, que acontecem às segundas-feiras, com a presença dos coordenadores e de todos os bolsistas, para que juntos debatam métodos de aplicação.

“O bacana é mostrar que a matemática tem um lado legal.”

Priscila Vicente
bolsista do subprojeto

Apesar da produtividade de todo o grupo, a coordenadora Gisela evidencia o trabalho das bolsistas Priscila Vicente e Lilian Sabadin, que atuam no Pibid desde o início do projeto, ainda em 2012. A partir das aulas, no Ciep Maria Joaquina de Oliveira, as colegas observaram a mecanicidade com que os alunos passavam pelo processo de aprendizagem das fórmulas matemáticas, em destaque a equação de segundo grau, e, a partir dessa fragilidade, passaram a pensar maneiras de trabalhar o conteúdo de forma leve, como conta a bolsista Priscila:

“O professor passa no quadro e eles copiam a resposta, e a ideia surgiu disso, de pensar formas de resolver equações de segundo grau sem usar nenhuma fórmula, somente através da geometria.”

MATEMÁTICA CRIATIVA

Um dos métodos escolhidos pelas bolsistas foi a utilização do “material dourado”, unidades de pequenos quadrados amarelos utilizados para realização das operações. A dezena é formada por uma barra de dez quadrados; esta barra é repetida 10 vezes em dez outras barras ligadas entre si, formando um quadrado (“quadrado de dez”), que totaliza o número 100. Finalmente, dez quadrados sobrepostos e ligados formam um cubo (“cubo de 10”), que totalizam 1000. O material, idealizado pela médica e educadora italiana Maria Montessori, pretende trabalhar a educação sensorial. Se no ensino tradicional as crianças decoram os algoritmos a partir de treinos cansativos, com o material dourado as operações abstratas passam a ter uma imagem concreta, o que facilita compreensão.

“No início os alunos não queriam participar, mas depois que começaram a jogar gostaram tanto que não queriam parar com a atividade”, conta a graduanda. “Aplicamos inicialmente no Ciep, e depois no Colégio Técnico da Rural, em um evento do Pibid. Foi legal porque alguns alunos do Ciep estavam lá e vieram participar da atividade de novo, ajudaram os outros colegas. Isso é o bacana, mostrar que a matemática tem um lado legal.”

Para se embasarem ao levar o método para sala de aula, as estudantes pesquisaram teses de mestrado sobre o material na biblioteca do ProfMat, pós-graduação profissional em matemática para professores do ensino básico. A coordenadora frisa que é importante se pensar criativamente a matemática, para mostrar que o aluno pode ser mais do que somente um reproduzidor de fórmulas. Para isso, a pesquisa por parte dos bolsistas é essencial:

“A proposta é exatamente essa. Detectamos um problema e então procuramos o que existe de academicamente produzido a nível nacional, para estimular a pesquisa em matemática e também para que eles vejam que existe muita coisa boa disponível na rede para adaptar e levar para sala.”

A EXPERIÊNCIA

Sobre as escolas onde atuam, Gisela conta que optou pela Pastor Gerson justamente pelo desafio; queria que o grupo trabalhasse em uma escola onde tivesse carência particular no ensino da matemática e no sentido social e econômico. Em contraponto, o grupo atua também em escolas com maior estrutura, como o Caic. O contraste é positivo, segundo a coordenadora:

“Está sendo uma grande oportunidade de entrar em contato com vários cenários e realidades. Nosso objetivo maior não é somente melhorar o que já está bem, mas ajudar quem mais precisa ser ajudado. É muito legal a gente se sentir contribuindo com as escolas.”

A rotatividade na metodologia de trabalho, também, garante que cada um dos 41 bolsistas vivenciem as diferentes realidades, pois são obrigados a trocar de escola a cada semestre. A experiência, conta Lilian Sabadin, gera resultados:



Com o material dourado, os alunos aprendem a realizar equações sem a necessidade de decorar fórmulas matemáticas e algoritmos

“As professoras relatam que as salas que recebem a presença do Pibid, do nosso acompanhamento, apresentam melhoras significativas, mais notas relacionadas à matemática, passam a ter mais interesse na disciplina, na própria aula.”

A bolsista Priscila Vicente comenta sobre uma aluna do ensino de jovens e adultos, excluída pela turma, que após o apoio do Pibid chegou a passar no quadro o conteúdo e ajudar os colegas: “isso que é gratificante, ver que nosso trabalho gera resultados e transforma”. ■

PIBID QUÍMICA: FORMANDO CIDADÃOS CONSCIENTES PARA O MUNDO

Atrlando os conhecimentos da disciplina ao cotidiano o projeto se desenvolve em Seropédica



Envolvidos de diversas formas com a química, o grupo de bolsistas desenvolve suas atividades sob a supervisão da professora Aparecida Cayoco (na frente, quarta da esquerda para a direita)

► Letycia Nascimento

Contando com a participação de 15 alunos bolsistas, a coordenadora, Aparecida Cayoco, desenvolve em três escolas de Seropédica o projeto “Química e Cidadania”. Um dos primeiros a ter início na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O grupo trabalha nos mesmos moldes nos quais a atividade foi pensada pela própria professora Cayoco, em 2009.

Objetivando formar cidadãos conscientes para o mundo, o projeto conduz os alunos da rede pública de ensino básico, a um aprendizado sobre a química aplicada às práticas e experiências cotidianas.

“A gente quer formar um cidadão, porque se a escola fizer isso, já é meio caminho andado”, declara Cayoco.

Entendendo que a cidadania passa por um caminho interdisciplinar e dentre eles a Química, os bolsistas buscam mostrar aos alunos um entendimento sobre efeitos da chuva ácida, por exemplo. Tudo para que possam entender jornais e conversas cotidianas sobre clima, alimentação ou escassez de água de forma mais consciente. A partir desse momento, com o interesse dos alunos sobre efeitos químicos aguçado, é que bolsistas e supervisores conduzem as aulas.

A cada 15 dias, em média, os bolsistas do Pibid Química têm a liberdade de levar experimentos para a sala de aula, para que junto aos supervisores possam desenvolver atividades que instiguem os alunos a aprender sobre os temas indicados pelo calendário escolar. É através de jogos e experimentos de ocorrências do dia a dia que os bolsistas auxiliam os alunos na memorização e no aprendizado dos fenômenos químicos. Esse é o caso dos alunos da área de ciências agrícolas do Colégio Técnico da Universidade Rural (Ctur) que tiveram no Pibid a oportunidade de entender melhor os processos de calagem e do amadurecimento de frutas, estudados suas aulas técnicas.

Os bolsistas do projeto “Química e Cidadania” se reúnem semanalmente com a professora Cayoco para definirem estratégias a serem executadas na semana seguinte. A reunião também serve como palco para trocas de experiências entre bolsistas e supervisores.

Nathalia da Silva, bolsista do projeto,

acredita que tais encontros sejam fundamentais para o desenvolvimento das mais diversas atividades com os alunos e principalmente para o estímulo e interação entre todos os envolvidos.

“A gente quer formar um cidadão, porque se a escola fizer isso, já é meio caminho andado”

Aparecida Cayoco
coordenadora de área do subprojeto

“Temos um grupo muito forte, todo mundo se dedica muito e partilhamos experiências”, conta. “E isso estimula muito a gente nos momentos de desânimo”.

Nathalia que atua na Escola Estadual Barão de Tefé e no Colégio Técnico da Universidade Rural (Ctur), acredita que a interação com os alunos nessa fase da graduação é essencial para uma excelente formação na docência. Desenvolver as atividades com os alunos da rede básica de ensino estimula a todos os bolsistas em suas atividades na própria graduação. Cativados pela empolgação que conseguem gerar nos alunos, os universitários veem cada vez mais a necessidade de aprimorar seus conhecimentos, para que tudo que seja passado a eles o seja de forma clara e correta.

Encontrar alunos que se permitem ser moldados pela forma de ensino que o Pibid Química leva até a sala de aula também é um ponto marcante nessa experiência que irão levar para toda vida.

FORA DOS MUROS

Em 2014 e 2015, três visitas a campo aconteceram com os alunos de todas as três escolas: C.E. Barão de Tefé, Ctur e Ciep Albert Sabin.

Alunos do Barão de Tefé foram levados a Estação de Tratamento de Água do Guandu, localizada no antigo quilômetro 32 da Rodovia Rio-São Paulo, em Nova Iguaçu. Lá, eles foram apresentados à forma como a água é tratada e sua importância. Antes e depois dessas experiências os alunos aprenderam sobre os processos químicos de purificação.

Essa experiência ensinou aos bolsistas uma apresentação no congresso da Sociedade Brasileira de Química (SBQ), em Águas de Lindóia, sobre essa estratégia de ensino.

“Foi maravilhoso receber os elogios dos avaliadores, isso nos estimula muito”, expressa Nathalia.

Alunos do 3º ano do Ensino Médio das três escolas contempladas com o projeto foram levados à Usina Nuclear de Angra dos Reis para uma visita técnica, assim como aconteceu na Cedae. Visitas à Universidade Rural também foram realizadas pelos alunos do Ciep Albert Sabin com base nas observações dos bolsistas da necessidade desses alunos conhecerem a UFRRJ.

“Percebemos que muitos alunos de lá, principalmente, não têm a noção de que a Rural é uma universidade pública, onde eles também podem estudar. Foi muito importante mostrar para eles que isso aqui [a UFRRJ] também é deles e para eles”, conta Nathalia.



Apostando em visitas técnicas, grupo do Pibid mostra aos estudantes a importância e a presença da química no cotidiano da vida moderna

ENSINO, AMIZADE E DESENVOLVIMENTO

Todo o projeto tem sido desenvolvido com muita amizade e interação entre alunos e bolsistas, laços construídos principalmente pela proximidade de faixa etária, o que os permite trocar experiências de maneira mais descontraída sobre o aprendizado da disciplina.

“O Pibid pra mim foi o ponto alto da faculdade, porque eu descobri o amor que tenho pela licenciatura, não me vejo mais fazendo outra coisa”, concluiu Nathalia.

Todos os participantes observaram uma sensível melhoria no desempenho das turmas. As avaliações dos alunos no SAERJ - Sistema de Avaliação da Educação do Estado do RJ - comprovam a diferença positiva entre aqueles que participaram do projeto e os que não tiveram a mesma oportunidade.

Diógenes Chaves Lopes, professor e supervisor no Colégio Estadual Barão de Tefé, garante que essa experiência trouxe vantagens para todos os envolvidos da escola. Para ele, em particular, a presença dos bolsistas renova a cada dia a paixão por educar. Para Diógenes, compartilhar e viver novas experiências com os alunos bolsistas é uma ótima oportunidade de levá-los a uma reflexão sobre o que fará diferença em suas vidas enquanto educadores.

“Eu já estava pensando em buscar outras alternativas para minha vida profissional, mas a oportunidade de fazer parte deste projeto me revigorou”, conclui Diógenes. ■

ÁREA SAÚDE E VIDA



EXPERIMENTOS E DEDICAÇÃO CONDUZEM A DOCÊNCIA DO PIBID CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

*Integrando ensino da disciplina às práticas de ensino adequadas em cada escola,
o subprojeto empenha-se na formação de seus bolsistas*



Envolvidos com as práticas na licenciatura, as coordenadoras de área Mercedes (quarta da esq. p/ dir.) e Rosa (penúltima) e a professora colaboradora Maria Verônica (à esq.) se reúnem com os bolsistas semanalmente para debater estratégias de aprendizagem

► Letycia Nascimento

O subprojeto “A natureza dentro da escola: propostas metodológicas para o ensino de Ciências na educação básica”, vem aproximando o meio ambiente aos estudantes de escolas municipais de Seropédica. Sob a coordenação das professoras Rosa Maria Mendes, Maria Mercedes da Rosa e com a colaboração das professoras Lenir Lemos Aguiar, Helena Regina Lima e Maria Verônica Moura, estão 22 bolsistas de iniciação a docência atuantes em quatro escolas do município com um professor supervisor por escola, que acompanha as atividades dos pibidianos.

Presente nas escolas municipais Atílio Grégio, Olavo Bilac, Promotor de Justiça e Gilson Silva, os bolsistas atuam com o ensino das ciências buscando levar reflexões sobre o homem e a vida.

Para desenvolvimento do subprojeto, os bolsistas reúnem-se semanalmente com os professores supervisores e coordenadores, para juntos organizarem as atividades que serão desenvolvidas nas escolas, como aulas práticas, expositivas, oficinas, feiras de ciências, entre outras. Por iniciativa do subprojeto cada escola parceira destinou um espaço mural onde os bolsistas abordam diferentes temas para informação e reflexão pela comunidade escolar.

No decorrer do ano de 2015, o subprojeto realizou diversas atividades, destacando o “II Pibid Ciências Biológicas de Portas Abertas”, que contou com a participação de alunos de diferentes cursos da UFRRJ e outras instituições. Este evento que tem a proposta de trazer a comunidade de Seropédica para dentro da Universidade integrou a Semana de Biologia da UFRRJ.

“O objetivo é mostrar o que a gente faz, com exposição de todos os materiais que os alunos desenvolvem, como jogos, modelos didáticos e experiências, além de oferecermos oficinas”, afirma Rosa Maria.

A edição anterior do “Pibid Ciências Biológicas de Portas Abertas”, em 2014, teve ainda parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Seropédica que permitiu a participação dos professores de Ciências nas atividades oferecidas durante o evento.

“Tivemos a participação de 90% dos professores e com isso conseguimos conduzir uma formação continuada aos professores da rede pública. Isso é maravilhoso”, declara Maria Mercedes.

Uma atividade marcante ao subprojeto foi o “Pibid Ciência Móvel”, que visou atender escolas que não recebem o subprojeto, divulgando as atividades realizadas pelo mesmo.

“Os bolsistas de iniciação à docência são os responsáveis pelas atividades desenvolvidas no Pibid Ciências Biológicas de Portas Abertas e Ciência Móvel, claro que sob nossa orientação. Assim a gente vê que o Pibid faz a diferença na formação dos futuros educadores”, disseram Rosa e Mercedes.

Outra atividade realizada pelo subprojeto foi a construção de horta e jardim escolar em três escolas que dispunham de espaço. Essa proposta foi aceita com entusiasmo pela direção e pela comunidade escolar, que participaram desde a limpeza do terreno até o plantio e manutenção. Nessas escolas esses espaços tornaram-se ferramentas pedagógicas para diversos conteúdos.

Julia Dionísio e Luciene Oliveira, bolsistas de iniciação à docência na Escola Municipal Olavo Bilac, acreditam que estar no Pibid é um preparatório para lidar com as dificuldades do ensino na rede pública. Para elas, aprender a desenvolver ferramentas que tornam as aulas mais interessantes têm sido ótimo para sua formação.

Luciene, já Bacharel em Ciências Biológicas pela UFRRJ, é aluna de reingresso na licenciatura e encontrou no Pibid a certeza de querer seguir a carreira docente.

“É fantástico ver o entusiasmo deles com as aulas práticas de Ciências, algumas vezes conseguimos trazer microscópios e eles amaram. É muito gratificante proporcionar a eles essas experiências”, contou Julia.

“O Pibid nos deixou muito mais criativas na elaboração e organização das aulas, compreendendo o que precisa ser feito”, comenta Julia.

Jennifer Resende, coordenadora pedagógica da E.M. Olavo Bilac, percebeu, após o início do Pibid na escola, uma grande interação e estímulo dos alunos ao participar das aulas.

“Muitos pais já vieram nos falar sobre as vantagens que o projeto trouxe”, afirma Jennifer. “Recentemente reorganizamos as turmas e alguns alunos que recebiam Pibid foram levados para classes que não recebiam o projeto. Nesse contexto, alguns alunos vieram até nós pedindo para que não saíssem da turma, em razão do Pibid.”

É fantástico ver o entusiasmo deles com as aulas práticas de ciências, algumas vezes conseguimos trazer microscópios e eles amaram. É muito gratificante proporcionar a eles essas experiências”

Julia Dionísio
bolsista do subprojeto

As atividades desenvolvidas até o momento buscaram contribuir para a formação do futuro professor e para a formação continuada dos professores das escolas parceiras, colaborar nos processos de ação-reflexão do ensino de Ciências e Biologia, estimular o licenciando no exercício pleno de sua futura profissão, valorizando a carreira docente, desenvolver aulas práticas e alternativas técnico-pedagógicas aos professores das escolas, estimular a interação dos Licenciandos com a comunidade escolar e valorizar o trabalho em grupo, sendo capaz de ação crítica e cooperativa para a construção coletiva do conhecimento.

O subprojeto Ciências Biológicas da UFRRJ em Seropédica gera em todos os envolvidos o desejo de empenhar-se cada vez mais na busca pelo conhecimento, não só na área das ciências, mas na educação de uma forma geral. ■



A aula de campo, realizada no Jardim Botânico da UFRRJ, trouxe aos alunos uma percepção prática do conteúdo dado em sala de aula

PIBID LICA: SUBPROJETO ENCONTRA NA HORTA E NO MURALISMO A CHAVE PARA O INCENTIVO A DOCÊNCIA

Desenvolvido em escolas de Seropédica, o projeto movimenta toda a comunidade escolar

PIBID CIÊNCIAS AGRÁRIAS



Com muita dedicação, bolsistas do projeto desenvolvem atividades que estimulam o interesse das crianças por uma alimentação saudável

► Letycia Nascimento

Na horta: o lúdico, a criatividade, a fonte de conhecimento. Assim se descreve o trabalho do Pibid da Licenciatura em Ciências Agrícolas (Lica) na Escola Municipal Pastor Gerson Ferreira Costa e na Escola Estadual Alice de Souza Bruno, localizadas nos bairros Boa Esperança e São Miguel, respectivamente, no município de Seropédica. O projeto está sob a coordenação dos professores Orlando Marques da Costa e Wellington Mary, do curso de ciências agrícolas, sediado no Instituto de Veterinária da Universidade.

Ao todo, o Pibid Lica possui 21 bolsistas atuando diretamente com o desenvolvimento de atividades que estimulam o interesse dos alunos no aprendizado de diversas áreas do conhecimento. Para gerar nos alunos o interesse pelas ciências, o grupo usa da horta e do muralismo como ferramentas atrativas para desenvolver as atividades junto aos estudantes das escolas. Em cada um dos colégios, o projeto se adequa à realidade local e personalidade dos alunos.

Na E.M. Pastor Gerson, os bolsistas lidam com alunos dos ensinos infantil, fundamental I e especial, todos com supervisão interna de duas professoras que ministram aulas de ciências. No colégio, as atividades se desenvolvem em contato com a terra e

o plantio, com ampla participação de todos os estudantes e funcionários envolvidos direta ou indiretamente, como as merendeiras da escola. No espaço encontrado para a horta, o trabalho foi extenso e transformador, de uma área antes inutilizada ao cantinho preferido de todos.

O muralismo criado pelos bolsistas e estudantes de diversas turmas se tornou um estímulo para o cuidado e o consumo de frutas, legumes, vegetais e hortaliças, principalmente entre as turmas de educação infantil e ensino especial.

A diretora, Marcia Elizabeth Callegario Parreira, da Escola Pastor Gerson, vê o projeto como de extrema importância para o desenvolvimento e envolvimento dos alunos nas atividades escolares. Nas oficinas durante o ano letivo, os estudantes também aprendem diversas curiosidades sobre a natureza, como a criação de tintas através de raízes e cascas, usadas na restauração da parte externa da escola, ou no desenvolvimento de projetos para feira de ciências.

“O maior objetivo é a apropriação e valorização do espaço ‘escola’ pela comunidade através dos projetos”

Wellington Mary
coordenador de área do subprojeto

Para Marcia, a horta também é fundamental no desenvolvimento alimentar e psicomotor das crianças, principalmente as do ensino infantil e especial, através das atividades propostas.

Caroline Noronha, Fernanda Marques e Mauricio Duarte, bolsistas do projeto, encontram no trabalho realizado na escola o desejo e o carinho pelo ensino de crianças e adolescentes fora das escolas técnicas, as quais estariam comumente direcionados após a graduação.

“A gente vê o sorriso no rosto deles, o desejo de estar na horta e isso nos estimula demais”, declarou Fernanda.

É através do aprendizado contínuo de como estimular os alunos a se envolverem com os conhecimentos das ciências, oferecidos pelos professores da escola, que os pibidianos desejam fazer parte do corpo docente de uma escola de ensino básico.

PIBID NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Após a implementação da horta, a professora da educação especial, Rosângela Damazio, pôde perceber claramente o aumento

“A gente vê o sorriso no rosto deles, o desejo de estar na horta”

Fernanda Marques
Bolsista do subprojeto

HORTA E ENSINO MÉDIO COMO FAZER

Na Escola Estadual Alice de Souza Bruno o projeto acontece, desde 2009, com o ensino infantil, mas somente em 2014 o trabalho começou junto aos alunos do ensino médio. Com eles, o maior desafio é despertar o interesse em lidar com as ciências agrícolas em sua forma prática.

Lá, o Pibid Lica desenvolveu a construção de um mural e de um espaço de lazer, buscando envolver os alunos nas atividades propostas, o que conseguiram graças ao estímulo gerado na professora de artes e dos alunos apaixonados pelo desenho e pelo muralismo.

“O maior objetivo é a apropriação e valorização do espaço ‘escola’ pela comunidade através dos projetos”, conta um dos coordenadores do projeto, Wellington Mary.

Foi a criação do “Cine Debate”, com propostas de curtas voltados para o meio ambiente e a educação ambiental, que trouxe aos alunos da E.E. Alice de Souza Bruno o interesse pelas atividades da horta.

O projeto também desenvolve junto às escolas a Semana Verde e a Feira Cultural de maneira teórica e participativa na elaboração das atividades.

Fazer com que os bolsistas tenham que lidar com a horta, em sua forma prática, também nas escolas em que atuam, foi a melhor forma encontrada pelos coordenadores e supervisores para estimulá-los à prática docente em escolas com o ensino regular e a como superar as dificuldades que encontraram pelo caminho.

no desejo dos alunos de se envolverem mais com a escola e com questões sociais. Leonardo Ferreira, de 23 anos, é aluno da turma e conta com entusiasmo seu carinho pela horta e pelo alimento que ela gera para a escola.

Em Leonardo, a horta escolar gerou o desejo de ter sua própria horta, “para dali tirar a doação de alimento para aqueles que não tem”, contou.

Junto aos alunos da Educação Especial da escola, também atua o projeto de Ecoterapia desenvolvido pelo Pibid de Educação Física. ■



LETYCIA NASCIMENTO / ASSESSORIA PROGRAD

Com a utilização do muralismo, bolsistas cativam os alunos através do lúdico

PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA: APRENDENDO A ENSINAR

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática” (Paulo Freire)

PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA



Coordenador de área José Henrique dos Santos (quarto da dir. para a esq., na segunda fila - de baixo para cima) e bolsistas do Pibid Educação Física, que possui quatro eixos com diferentes propostas de trabalho

A cidade de Seropédica possui 48 escolas públicas municipais, das quais 19 possuem a disciplina de Educação Física dividida nos mais variados níveis, podendo estar presente, desde o 1º e 2º segmento do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), como também na EJA (Educação de Jovens e Adultos) ou Educação Especial, dependendo da unidade escolar.

Tendo em vista o contexto social, cultural, econômico e educacional e, ainda considerando a presença geopolítica da Universidade em Seropédica, o eixo pedagógico do Pibid tem a possibilidade de, junto com a Secretaria Municipal de Educação, as escolas e seus professores, oferecer aporte didático pedagógico, visando um trabalho conjunto no sentido de alcançar melhores níveis de escolarização para a população seropedicense.

Por outro lado, consideramos que a iniciativa de inserção dos licenciandos nesta realidade educacional e social permite uma formação mais consistente do ponto de vista do comprometimento necessário ao educador, bem como o aprofundamento dos conhecimentos técnicos e pedagógicos.

As ações do PIBID visam contemplar a formação e a prática profissional de forma a capacitar os futuros docentes, mas, indire-

tamente, o desenvolvimento do projeto também promove a formação continuada de professores que se encontram em atividade nas escolas alvo deste projeto. Entendemos que, para além da qualificação da formação inicial enquanto meta principal, a presença de graduandos no contexto escolar provoca a reflexão dos professores em serviço acerca das possibilidades teórico-práticas de aplicação e desenvolvimento de conhecimentos inovadores nas aulas.

O subprojeto Educação Física, além de possibilitar a inserção dos bolsistas no ambiente escolar através da oportunidade de vivenciar a experiência da docência, busca proporcionar a formação continuada e a atitude reflexiva dos professores das escolas parceiras. Dessa forma, a proposta é de que os bolsistas se apresentem como interlocutores entre o conhecimento acadêmico e a sua aplicação na escola.

O subprojeto está sendo desenvolvido através da proposta de quatro eixos temáticos

relacionados à Educação Física escolar: ‘Esporte da Escola’ sob a coordenação de área do prof. dr. José Henrique dos Santos; ‘Cultura corporal’ cuja coordenadora de área é a profa. dra. Amparo Vila Cupollilo; ‘Inclusão’ sob a coordenação de área do prof. dr. José Ricardo da Silva Ramos e ‘Temas Transversais’ com coordenação da profa. dra. Sissi A. Martins Pereira.

No eixo temático 1 “Esporte da escola”, a proposta de intervenção pedagógica no Pibid na área de educação física se baseia na interação da Pedagogia da Educação Física e a Pedagogia do Esporte, no sentido de tecer as relações entre jogo/esporte e corpo/movimento mediadas pelo empreendimento de processos educacionais, formativos e desenvolvimentais geradores de aprendizagens significativas de práticas esportivas que promovam positivamente a autoestima no aluno, contextualizados aos conhecimentos sobre os condicionantes históricos, sociais, culturais, morais, éticos e estéticos.

O eixo 2 se propõe a aprofundar reflexões e práticas pedagógicas que se dediquem a fomentar na escola a introdução da cultura corporal como conteúdo da disciplina Educação Física. Considerando as publicações da área após a década de 80 do século XX provenientes da crise de identidade que se instalou neste período, buscaremos aprofundar o processo de construção de conhecimentos na área, empreendendo esforços para se pensar e praticar uma Educação Física que ofereça à população a oportunidade de acesso ao conhecimento e prática da cultura corporal, entendida aqui como uma forma de expressão e linguagem próprias dos diferentes contextos sociais, culturais e históricos da humanidade. Assim, as questões de conteúdo e objetivo são primordiais para a essa discussão e também para a consolidação de perspectivas mais progressistas, que superem a visão e a prática tecnicista calcada no militarismo, no competitivismo e em modelos fundamentados exclusivamente na aptidão física. Para tanto, privilegiaremos abordagens que têm na cultura corporal seu sustentáculo teórico, buscando construir uma proposta didático-pedagógica ancorada nos eixos esporte, ginásticas, jogos, lutas, danças e atividades rítmicas e expressivas.

O eixo 3 se propõe a discutir no contexto escolar os equívocos, estereótipos, contradições e preconceitos imputados ao “diferente”. Tais atitudes são, muitas vezes, utilizadas como argumento para justificar a desigualdade entre as pessoas. Os conceitos binários: homem/mulher, jovem/idoso, saudável/deficiente, negro/branco, dentre outros, passam despercebidos aos olhos em função da naturalização de alguns pré-conceitos. Dentre os grupos de sujeitos que são discriminados e estigmatizados na escola, e que hodiernamente devem estar presentes na Educação Física, destacamos as pessoas com deficiências ou as que apresentam alguma ne-

cessidade educacional especial e, que dependem, excepcionalmente, de uma escola inclusiva. No entanto, a busca pela efetiva inclusão desses alunos exige a promoção, a inserção e a garantia de uma aprendizagem corpórea efetiva e significativa, a partir de adaptações, ajustamentos e adequações relacionadas às necessidades educacionais de cada criança em particular.

O eixo 4 se refere aos Temas Transversais que abordam temáticas que estão fortemente presentes na sociedade. Muitas vezes, este conteúdo é desprestigiado na escola, quer seja por pouco embasamento teórico, ou simplesmente por falta de tempo para desenvolvê-lo. Observa-se uma pequena relação entre o conhecimento produzido na escola e as questões da sociedade por causa da excessiva valorização do conhecimento formal, e os temas transversais são uma tentativa de articulação entre as duas interfaces.

Este eixo prevê o desenvolvimento das atividades de iniciação à docência com foco nos temas transversais apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's): Ética (Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo, Solidariedade); Orientação Sexual (Corpo, sexualidade, relações de gênero, prevenções das doenças sexualmente Transmissíveis); Meio Ambiente (Os ciclos da natureza, sociedade e meio ambiente, manejo e conservação ambiental); Saúde (autocuidado e vida coletiva); Pluralidade cultural (Constituição da pluralidade cultural no Brasil, a pessoa como agente social e produtor de cultura e Cidadania); Trabalho e Consumo (Relações de Trabalho; Trabalho, Consumo, Meios de Comunicação de Massas, Publicidade e Vendas; Direitos Humanos, Cidadania e Trabalho e sua interação com o meio ambiente).

O subprojeto de Educação Física se desenvolve com atividades planejadas nas escolas parceiras, buscando o desenvolvimento da formação didática-pedagógica dos licenciandos em Educação Física, através da inserção dos bolsistas no ambiente escolar. A coordenação de área estimula a autoavaliação sobre a contribuição da participação no projeto para a formação acadêmica do bolsista, além de focar a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem em Educação Física escolar, visando os reflexos em outras áreas de conhecimento e nas atitudes dos alunos do Ensino Básico, através de oficinas e trabalhos realizados com alunos e professores, com o objetivo de deflagrar reflexões sobre: esporte, cultura corporal de movimento, inclusão, respeito às diferenças, diversidade, ética, saúde, hábitos saudáveis e qualidade de vida.

As atividades desenvolvidas no subprojeto proporciona o estímulo à reflexão em ação através de debates e da valorização do feedback dos alunos durante as aulas e à inovação do planejamento, das metodologias e das ações de ensino, através da articulação da teoria e prática em ação.

O subprojeto do PIBID Educação Física implementou uma sólida parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Secretaria de Esportes, através da organização de ações conjuntas que objetivem tanto a consolidação da identidade docente dos licenciandos da Universidade, quanto a construção de ações didático-pedagógicas que possibilitem efetivamente a melhoria do ensino das escolas de Seropédica.

O desenvolvimento do projeto tem possibilitado a produção de artigos, materiais, vídeos e/ou manuais, que auxiliem professores a desenvolverem em sua prática pedagógica o conteúdo relacionado à Educação Física escolar, bem como a participação dos bolsistas e supervisores em eventos científicos da área. ■

ÁREA DE HUMANAS



PIBID BELAS ARTES: AUDIOVISUAL NO ENSINO DAS ARTES

Cinema compõe metodologia no Projeto de Belas Artes



Coordenadores de área Luciana (primeira à esquerda) e Bruno (penúltimo à direita) com grupo de bolsistas

► Mateus Cabot

Roteirização, criação de personagens e gravação: essas são algumas das atividades que os alunos do Centro de Apoio Integral à Criança (Caic) Paulo Dacorso Filho, em Seropédica, aprendem junto aos bolsistas do Pibid de Belas Artes (BA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O projeto tem a inclusão do audiovisual como suporte para o ensino das artes. Coordenado pelos professores Bruno Vieira e Luciana Dilascio Neves, o Pibid de BA atua, também, nas Escolas Municipais Creuza de Paula Bastos e Professor Gilson Silva.

“Trabalhamos com uma proposta de narratividade visual”, conta a coordenadora Luciana Dilascio. “Abordamos essa relação entre linguagem verbal e visual, e como eles articulam os conteúdos dentro de uma interdisciplinaridade com vários outros contextos”.

Ao longo de 2014, quando os dois professores assumiram o comando do grupo com 24 universitários bolsistas, trabalhou-se com a leitura de imagens através de livros ilustrados e murais para abordar os próprios conteúdos do currículo programático das escolas. Em 2015, os coordenadores implementaram o audiovisual desde a educação infantil até o ensino de jovens e adultos.

“Dentro desse eixo os alunos são livres para propor as técnicas. Alguns usam teatro, outros contação de história, com cenários, bonecos e fantasias. Sempre articulando a narrativa com a confecção artística”, explica Luciana.

O grupo se reúne duas vezes por semana, para debater as propostas, planejar a atuação nas escolas e ainda pesquisar sobre a utilização do audiovisual no ensino da educação básica.

VIDEOPOÉTICA

Como destaque dentre as propostas, as bolsistas Thayanne Cavalheiro e Thais Rodrigues foram algumas das responsáveis pela “videopoética”, projeto que utiliza o cinema para introduzir alunos do pré do Caic ao universo da artes. Através de oficinas, as alunas desenvolveram ações educativas englobando o currículo básico dos alunos, que têm, em média, cinco anos de idade.

Thayanne, que está no Pibid desde 2012, conta que, desde o final de 2014, as bolsistas pesquisavam cineastas para desenvolver as ações. As temáticas envolvem pintura, escultura, desenho, dentre outras técnicas, para ao final criar um vídeo poético. A universitária conta também que o grupo optou por trabalhar sempre artistas brasileiros, incluindo a música e a poesia, como o ambiente da Bossa Nova. Como os alunos são muito jovens, o grupo precisou focar no lúdico.

“A gente tenta sempre levar alguma atividade que tenha certa dinâmica em sala, então fazemos brincadeiras de roda, ciranda, contamos história ou lemos poesia em roda e questionamos com os alunos”, comenta Thayanne. “Sempre trabalhamos com questionamentos, porque precisamos instigar o imaginário e a forma como eles recebem o conteúdo, como o entendem.”

O foco é mostrar pra eles que, numa brincadeira em casa, é possível criar.”

Denise Tameirão
bolsista do subprojeto

Pensando na produção final, e instruindo a imagética com as crianças, as alunas trabalham um poeta sempre fazendo ligação com algum artista plástico, como forma de ilustração. Após trabalhar com as ações, artistas e autores, as estudantes fazem o que elas chamam de se-

gunda etapa do projeto: uma história criada pelos próprios alunos, e roteiro para o vídeo final.

“A nossa intenção sempre foi reunir as produções das oficinas para criação da videopoética”, conta Thais. “A partir do roteiro escrito por eles, vamos usar as esculturas e pinturas dos alunos pra ilustrar a história”.

A estética do vídeo é inspirada na obra de Alain Resnais, cineasta francês conhecido por incluir em sua narrativa a poesia, artes e acontecimentos históricos.

OUTRAS PROPOSTAS

Como definiu os professores, 2015 foi o ano de resgate do audiovisual no campo do ensino de artes. O extenso grupo, com 24 bolsistas, atuou também na criação de personagens, roteiros e caracterização nas escolas Creuza de Paula Bastos e Professor Gilson Silva. Como desenvolvido no Caic, na Escola Municipal Creuza de Paula Bastos o grupo do Pibid de Belas Artes começou a trabalhar no segundo semestre de 2015, junto aos alunos de primeiro e segundo ano, a produção de uma animação em *stop motion*.

Na mesma escola, outro grupo optou também por usar fantoches e caracterização para trabalhar com cultura popular. Já no colégio professor Gilson Silva, os bolsistas trabalharam com animação e criação de personagens. Nessa última turma, construíram um livro de monstros baseado nos problemas ambientes.

“Formulamos um universo lúdico a partir das propostas dos monstros para que criassem essa fantasia. Os monstros tiveram nomes, caracterização, e a partir dessas histórias, trabalhamos a produção artística. A nossa proposta foi resgatar o potencial criativo nas crianças”, finaliza a bolsista Gabriela Nolasco. ■

FANTOCHES EM CENA

Ainda no Caic, as bolsistas Ariadne Medeiros, Denise Tameirão, Fernanda Soares e Tamiris Oliveira dos Santos desenvolveram com os alunos de sexto ano o projeto “fantoques em cena”, que une ao suporte do audiovisual o universo dos fantoches. O grupo tem como foco de trabalho os alunos que apresentam hiperatividade em sala e, assim como a “videopoética”, propõem a integração de diversos tipos de arte através do vídeo.

“Trabalhamos com o próprio currículo básico da escola, como a sustentabilidade, mas com brincadeiras lúdicas criamos os bonecos, e deles transformamos o conteúdo em algo concreto, através da filmagem”, conta a bolsista Denise, que já havia experiência com criação de bonecos e levou a técnica para o Pibid.



Fantoques em Cena: em oficinas, alunos criaram roteiro, personagens e confeccionaram bonecos de conto original

Em oficinas semanais com duração de 1h30, os alunos criaram de forma coletiva o roteiro de um conto de fadas, seus respectivos personagens e a cenografia necessária para a gravação. Para o embasamento artístico, as alunas trabalharam ao longo do ano diferentes modalidades, como a cultura egípcia, as artes plásticas, o teatro e a musicalidade.

O roteiro, que não é escrito, foi produzido com base em cenas individuais, criadas em uma dinâmica em grupo sobre criação de narrativa. Envolvendo questões ambientais, a história parte do momento em que a princesa joga pela torre de seu castelo uma maçã, que atinge um sapo. A partir daí, cada aluno criou um trecho do roteiro, resultando em várias cenas com diversos personagens.

“A primeira proposta foi mostrar várias referências de teatro filmado para eles terem uma ideia do projeto final. O foco é mostrar pra eles que, numa brincadeira em casa, com o celular, tablet, ou o que tiver, é possível criar”, esclarece Denise.

CIÊNCIAS SOCIAIS, TEATRO E DIREITOS HUMANOS

Projeto utiliza teatro como metodologia para debater cidadania



Grupo finalizou o ano letivo com apresentação no auditório Gustavo Dutra, no Câmpus sede da UFRRJ

► Mateus Cabot

Você consegue imaginar um grupo de estudantes de Ciências Sociais montando uma companhia de teatro para ensinar questões de cidadania e direitos humanos? Pois foi esse o desafio das professoras Aparecida Maria Abranches e Beatriz Wey, desde o início letivo de 2015. Elas são as coordenadoras do Pibid de Ciências Sociais do câmpus sede da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica.

Beatriz, que além da formação em Ciências Sociais também possui formação em Artes Cênicas, trabalha no Pibid desde 2014, quando atuava como colaboradora. Na época, os alunos utilizavam filmes, revistas, fanzines e promoviam debates para abordar temas relacionados aos direitos humanos, foco do projeto. Foi com sua posse enquanto coordenadora que o projeto passou a utilizar a atuação como linguagem e metodologia de trabalho. Agora, é através da arte que o grupo com 14 bolsistas debate temas como direito das mulheres, racismo e transformações sociais.

O DESAFIO

Se no primeiro momento os direitos humanos foram abordados do ponto de vista teórico, fazer a transformação junto aos alunos para a nova abordagem não foi tarefa fácil. Os estudantes participaram, com a própria coordenadora do projeto, por um

treinamento intensivo de teatro. O grupo passou a se encontrar no Auditório Gustavo Dutra, no prédio central da universidade:

“Foi bastante interessante. A princípio, os alunos passaram por um processo de formação. A ideia era passar algumas técnicas do teatro, principalmente do teatro político. Então eu trouxe muito da linguagem do Bertolt Brecht e trouxe também do teatro do oprimido.”

Eugen Bertholt Friedrich Brecht foi um poeta e dramaturgo alemão de grande destaque no século XX. Com sua companhia, ficou mundialmente conhecido por desenvolver o que ele chama de teatro épico: uma crítica artística ao desenvolvimento das relações humanas no sistema capitalista.

“Com esse respaldo metodológico e com essa linguagem, os alunos passaram a frequentar as escolas tanto trazendo a bagagem que eles já tinham anteriormente, das discussões teóricas sobre como isso poderia ser aplicado, como também colocando essas discussões ao formular propostas de teatro”, explica a professora.

NA ESCOLA

O grupo trabalha com três escolas: no Colégio Estadual Professor Waldemar Raythe, no Centro Integrado de Educação Pública Dr Albert Sabin e no Colégio Estadual Barão de Tefé. Nos espaços, a partir das discussões e do treinamento para atuação, os bolsistas levaram para salas do ensino médio pequenas esquetes e performances, sempre direcionados aos problemas sociais enfrentados dentro dos muros das escolas. Os trabalhos são feitos em união com as demandas e programas da instituição de destino, como sexualidade, racismo, gravidez na adolescência, e outros temas de conscientização aos jovens.

“Nós fazíamos a partir do teatro fórum, que é um teatro em que você propõe uma cena, pra causar um estranhamento no público e fazê-los remontar a história. Tentamos fazê-los se reconhecer nas questões, e a partir da visualização da cena observar o que poderia ser pensado diferente”, explica a coordenadora.

É um trabalho extremamente coletivo.”

Beatriz Wey
coordenadora de área do subprojeto

A professora conta também que a recepção nas escolas foi imediata. Aos poucos, a arte do teatro e a forma dinâmica com que o grupo lida com as questões sociais passaram a estar presentes nos eventos oficiais das instituições.

DESCOBERTAS

Depois desse período inicial de descobertas, o grupo passou a trabalhar de forma mais autônoma.

“Geralmente, eu era quem definia as pautas, a metodologia, eu que dirigia as cenas; mas passada essa primeira fase senti que isso não garantia que os bolsistas criassem uma independência do trabalho. Independência a mim enquanto coordenadora e autonomia frente às escolas”, conta Beatriz.

Portanto, no segundo semestre de 2015, a partir de agosto, os alunos passaram a montar uma programação que levasse as escolas para a universidade. Ainda sob o ideal dos direitos humanos, e com a experiência de um ano de vivência nas escolas, os 24 bolsistas

se dividiram em dois grupos (um de 10 e outro de 14 alunos) para montar dois trabalhos cênicos: “Desaparecidos Políticos” e “Olímpia ou A Paixão de Existir”. Ambas as peças foram exibidas nos dias 16 e 19 de novembro, no câmpus sede da UFRRJ, com a presença não só da comunidade acadêmica como, principalmente, dos alunos das escolas.

“Olímpia ou A Paixão de Existir” conta a história de Olympe de Gouges, escritora francesa reconhecida por sua atuação em defesa da democracia e pelo direito das mulheres. Gouges escreveu diversas peças de teatro como forma de protesto, mas tem como destaque a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, documento que exigia status de completa assimilação jurídica, política e social das mulheres em seu país. Por sua atuação, foi executada em 1793.

“Escolhemos falar sobre Olímpia porque ela é uma personagem muito importante na história, e na ficção ainda mais interessante porque ela nos permite observar aspectos que a história não abarca simultaneamente.” ■

COMPANHIA DE TEATRO

Com o grande número de bolsistas, os alunos responsáveis por “Olímpia ou A Paixão de Existir” puderam se dividir em posições pertinentes a uma companhia profissional de teatro. Um dos bolsistas foi diretor, enquanto os outros se organizaram no roteiro, cenografia, figuração, dentre outros.

“É um trabalho extremamente coletivo”, aponta Beatriz.

O segundo trabalho, “Desaparecidos Políticos”, baseou-se na Comissão Nacional da Verdade e a forma como se resgata os direitos humanos ignorados durante o período de Regime Militar. Para esse tema, os alunos trabalharam com três esquetes.

“Em cada uma das cenas usamos a técnica do teatro político, com música, vídeo e diálogo direto entre narradores e espectadores”, comenta a coordenadora.

Em meio ao extenso trabalho de produção, o grupo ainda montou a exposição “O mundo que queremos... o mundo que não queremos”, onde os próprios alunos puderam, através de fotografias, expressar suas visões de mundo e suas idealizações sobre um futuro ideal.

Como abertura aos trabalhos cênicos nos dois dias de evento, antes das apresentações, os bolsistas reservaram um tempo para que todos pudessem visitar a exposição, produzida pelos próprios alunos. O evento foi de grande importância para o Pibid de Ciências Sociais por encerrar um ciclo de transformações no projeto, após um ano de experimentações, debates e produções teatrais.

“Com isso a gente encerra nossa proposta para esse ano de 2015. Foram os teatros fóruns, as esquetes e performances; sempre trabalhos curtos, envolvendo os alunos, com os bolsistas participando das aulas e dos eventos escolares; e finalizado com a exposição dos alunos, as duas peças produzidas pelos bolsistas e com as escolas presentes na universidade. Foi um momento de reconhecimento da importância desse trabalho que o Pibid faz”, finaliza Beatriz.

Para o próximo ano, a coordenadora Beatriz adianta que a proposta é fazer a inserção dos alunos dentro do processo de produção dessas peças, não mais somente como espectadores. Aguardaremos ansiosos.

PIBID FILOSOFIA: OLHAR SOCIAL NA SALA DE AULA

Projeto trabalhou feminismo e Simone de Beauvoir, temas do Enem 2015



“O Enem veio pra coroar nosso ano de 2015.”

Juliana França
bolsista do subprojeto

► Mateus Cabot

Experimentalista. Assim as professoras Nelma Garcia e Alice Bitencourt Haddad definem o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) do curso de Licenciatura em Filosofia, que coordenam desde 2014. A proposta, inicialmente focada na produção de material didático, hoje aborda desde temas clássicos presentes em livros como “A Política”, de Aristóteles, ou “A República”, de Platão; até projetos de cunho mais social, como o da bolsista Juliana Santos, aluna destaque do oitavo período e concluinte do curso, que levou a temática do feminismo para as salas de aula.

METODOLOGIA

Coordenadoras e bolsistas se reúnem semanalmente. Nesses encontros, os alunos têm a oportunidade de apresentar suas ideias e propostas de atividades para todo o grupo, que juntos apontam críticas, possíveis melhorias e decidem se é viável ou não a aplicação.

Após apresentado em conjunto, o projeto ainda deve ser discutido junto ao professor orientador da escola de destino, para que seja construído um cronograma. Segundo a coordenadora Nelma, o processo de construção é livre, democrático, mas requer responsabilidade e embasamento:

“Nós nunca fechamos o que a atividade do aluno tem que ser. A gente deixa nascer. A mínima formalização necessária é que eles apresentem a ideia, um contexto, redijam o apoio conceitual, o recorte, e supostamente aquilo que eles vão melhorar junto ao supervisor e aplicar em sala de aula.”

“Às vezes surgem projetos que fracassam já na reunião, porque a gente critica e os alunos também”, acrescenta Alice.

O subprojeto de Filosofia é composto por 24 bolsistas, quatro professores supervisores e atua no Centro Integrado de Educação Pública “Maria Joaquina de Oliveira” (Ciep 155), em Seropédica, e no “C. E. Dr. Albert Sabin”, em Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

TRABALHANDO FEMINISMO

Por todo esse processo de idealização, debates e construção passou a proposta da pibidiana Juliana Santos de se debater questões

de gênero, igualdade e feminismo nas turmas de ensino médio e ensino de jovens e adultos do Ciep 155. Ela, que está no último semestre da graduação e se prepara para se despedir da universidade, conta que a ideia surgiu ainda em 2014, junto à bolsista e parceira de dupla na época Nalui Batista.

“Eu tinha acabado de fazer download de ‘O Segundo Sexo’, livro da Simone de Beauvoir, quando a Nalui veio conversar comigo sobre trabalhar com feminismo”, recorda.



Nelma Garcia (esquerda) e Alice Haddad são as coordenadoras de área do subprojeto de Filosofia

Da coincidência, surgiu a vontade de ambas em levar para sala de aula as perspectivas da mulher na sociedade brasileira. Tendo a filósofa Simone de Beauvoir como base, as bolsistas passaram a pesquisar e ler outros autores. Buscaram, inclusive, em grupos de discussão online assuntos que estavam em voga entre as meninas na rede.

“A gente queria ficar por dentro de tudo antes de ir pra sala de aula. Mas também não queríamos impor nada aos alunos. Fomos dialogar com a turma de jovens e adultos para saber o que eles achavam sobre esses assuntos”, conta Juliana.

A partir de conversas sobre as desigualdades entre homens e mulheres, permeando o campo das profissões, infância e indagando quanto a temas iniciais como a definição de gênero ligada às cores rosa e azul, as bolsistas colheram das turmas respostas e, a partir delas, levantaram pesquisas e temas possíveis de se trabalhar.

“Não estamos lá para levar nossa opinião; por mais que a gente acredite em algumas coisas, nós duas estávamos muito assentadas em textos filosóficos, porque não podíamos perder esse viés. Porque senão ficaria opinião por opinião e não seria um Pibid de Filosofia”, enfatiza a concluinte.

A EXPERIÊNCIA

Com a receptividade da turma de jovens e adultos, as bolsistas levaram para dentro de

sala jornais, pesquisas e junto com os alunos desenvolveram propostas de atividades.

Com o terceiro ano do ensino médio, a dupla desenvolveu uma eleição, onde os alunos tiveram que propor leis que pensassem a equidade de direitos entre os gêneros. A partir das próprias leis criadas pelos “candidatos”, as universitárias levantavam os debates e leituras. Dentre as pautas, desenvolveram pesquisas sobre a representatividade da mulher dentre os cargos políticos. Um dos exercícios se pautou na lei 9.504/97, que exige porcentagem mínima de 30% de mulheres concorrendo a cargos públicos por partido. Os alunos pesquisaram em diversos panfletos eleitorais se havia a presença de mulheres na região de Seropédica.

“Descobrimos que não tinha”, aponta Juliana.

A partir dessa primeira experiência, ela e sua nova parceira de dupla Karoline Oliveira passaram o ano trabalhando junto aos terceiros anos, dando enfoque ao tema “lei Maria da Penha”, que desde 2006 pune com maior rigor crimes de violência doméstica:

“Trouwemos porcentagens que evidenciavam que, apesar da lei, o número de agressões em relação à mulher ainda é muito grande; e a gente queria saber o porquê isso acontecia. Discutimos com os alunos nesse sentido.”

Trabalhar a lei Maria da Penha foi uma conquista tanto para as bolsistas, Karoline e Juliana, como para as coordenadoras, visto que o tema da redação do Enem trouxe justamente o debate sobre a persistência da violência contra a mulher. Além disso, uma das questões tratava justamente sobre a teoria de Simone de Beauvoir, autora base para todas as atividades das bolsistas.

“Estava numa reunião e as pessoas vinham me perguntar se eu havia visto o tema da redação, se eu tinha lido sobre a questão do feminismo”, comenta Juliana. “Então eu fiquei muito feliz. O Enem veio pra coroar nosso ano de 2015, quando discutimos muito veemente essa questão.”

Ao final do ano, Karoline e Juliana pretendiam trabalhar a filósofa Judith Butler, referência em desconstrução de gênero. Porém, após o caso de sexualização envolvendo a participante do programa Master Chef Junior (Band) Valentina Schulz, a dupla decidiu manter Simone de Beauvoir como tema central.

“Com os alunos eu procuro demonstrar conceitualmente pontos que filósofas e filósofos pensaram antes de mim, mas na minha vida pessoal o direito da mulher tem sido uma luta diária. E o Pibid me propiciou esse amadurecimento”, finalizou Juliana França. ■



Grupo do Pibid simula eleição em sala de aula. A proposta é incentivar o pensamento de políticas públicas em defesa ao direito da mulher

PIBID HISTÓRIA N. IGUAÇU ASSOCIA A MEMÓRIA LOCAL COM O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL

Trazer a reflexão sobre temas chaves do desenvolvimento social é a proposta fundamental do Pibid História do Instituto Multidisciplinar



Mergulhados na sede de aprender cada vez mais sobre o mundo, alunos do Dom Adriano se reuniram com alunos da Universidade para descobrir como funciona os cursos oferecidos na instituição

► Leticia Nascimento

A proposta do Pibid História do Instituto Multidisciplinar (IM), no Câmpus Nova Iguaçu é “Pensar o ensino da história com elementos de vivência cotidiana e pessoal”. Através da coordenação dos professores Jean Rodrigues Sales e Raquel Alvitos, o projeto busca testar as melhores formas de agir junto às linguagens do cinema, do jornal e da história oral.

É buscando a valorização da Baixada Fluminense que os estudos da disciplina se desenvolvem na Escola Municipal Ozires Neves e no Colégio Estadual Dom Adriano Hipólito. Com visitas aos pontos históricos de Nova Iguaçu, bolsistas e alunos colherem informações sobre o município e encontraram técnicas que culminaram no maior estímulo para o estudo da história local.

O subprojeto do curso tem como tema as “diversas linguagens no ensino da história: cinema, jornal e história oral” e é justamente com produtos nesse sentido, gerados a partir das expedições, que o grupo trabalha há dois anos.

A partir de pesquisas desenvolvidas durante o ano, alunos e bolsistas criaram diversos produtos, dentre eles, um curta de

animação em stop motion, postais históricos do município, e um documentário sobre o Bispo Vermelho, religioso que presidia em Nova Iguaçu no período da Ditadura Militar e possuía possíveis envolvimento com a esquerda política.

MÚSICA E CONHECIMENTO

Foi na música que bolsistas e supervisores encontraram o incentivo ao ensino da história no segundo semestre letivo de 2015 na E. M. Ozires Neves. Canções presentes no cenário nacional e na realidade dos alunos da escola foram escolhidas para estimular a reflexão sobre importantes temas da sociedade. Analisando cada uma das letras, junto aos conteúdos programáticos, os alunos foram conduzidos à experiências de reflexão crítica sobre suas próprias histórias.

“Quando a gente levou a música da MC Ca-

rol sobre o descobrimento do Brasil eles amaram. Foi um burburinho só! E como eles já conheciam a música, muitos se surpreenderam por nunca terem percebido que aquilo realmente é história”, contou Monique Vasconcelos, bolsista do projeto.

Quando questionados sobre a eficácia da música no ensino, a opinião dos 11 pibidianos do projeto é unânime: há um retorno muito grande dos alunos, maior e mais reflexivo do que imaginavam que seria. Grande parte desse feedback é sentido através do número de estudantes presentes semanalmente as reuniões do Pibid, que acontecem no contra turno das aulas. Nesse sistema de contra turno, os alunos saem da aula, vão para suas casas e voltam no turno seguinte para desenvolver as atividades junto aos universitários.

Filmes e vídeos também foram trabalhados junto aos alunos da Escola, que recebem, ainda, o Pibid Interdisciplinar do IM.

EXPEDIÇÕES JORNALÍSTICAS

No colégio que recebe o nome de um famoso bispo local da época ditatorial do país, Dom Adriano Hipólito, conhecido como o Bispo Vermelho, nada mais justo do que iniciar o projeto na escola com a produção de um documentário sobre a vida e a figura do Bispo Vermelho. O real motivo a fazer com que Dom Adriano Hipólito fosse intitulado como Bispo Vermelho ainda é uma incógnita. Acredita-se que tenha sido pela faixa que usava na cor vermelha ou por suas tendências de resistência socialista. É sobre o título de “Bispo Vermelho” que foi lançado o primeiro produto áudio visual com produção total dos alunos do colégio, com o auxílio dos bolsistas.

Logo após, foi a vez de “O processo de migração na construção da história e da identidade do município de Nova Iguaçu” virar documentário. O projeto conta a história dos movimentos migratórios de 1950 até a atualidade e que formam o ser iguaçuano.

No desenvolvimento desse projeto, a maior dificuldade que encontraram foi conquistar o interesse dos alunos. Leticia Moura, bolsista do projeto há quatro meses comenta o fato:

“Eles não se viam como locais do município. ‘Eu só tô aqui por hora’ foi o que a gente mais ouviu deles”.

Para incentivar os alunos a descobrirem sua identidade enquanto locais do município e a valorizarem isso, a solução foi colocá-los como jornalistas. Foram os alunos que, dia a dia, construíram em suas casas as histórias que gostariam de contar sobre o município. Assim, se reconheceram como agentes histó-

ricos, percebendo que a “história não é só dos grandes”, mas que também eles são capazes de ir atrás da informação, conquistá-la e com isso trazer profundas e reflexivas vivências.

Com o passar do tempo, o desenvolvimento e envolvimento social dos alunos com as práticas apresentadas, foi a vez dos “Direitos Civis: violência de estado” ocupar as atividades do segundo semestre de 2015. Desenvolvendo perspectivas da escravidão, da ditadura e dos movimentos sociais, os alunos foram levados à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro para conhecer debates aprofundados sobre os temas.

No entendimento sobre ditadura, por exemplo, os alunos do CE Dom Adriano Hipólito receberam a visita de alguns militantes da época na região de Nova Iguaçu e foram levados até o Câmpus Sede da UFRRJ para uma palestra com mulheres militantes sobre o tema.



A produção do jornal no Colégio Adriano Hipólito proporcionou aos alunos o desenvolvimento, o aperfeiçoamento e o prazer pela escrita

O entendimento dos movimentos sociais também não ficou de fora dos estudos. Pegando casos de suas vivências particulares, como o racismo, os alunos passaram a entender temas como a Primavera Árabe e a Revolução Francesa, dentre outros.

Tantos debates culminaram na produção do jornal “O Dom”, inteiramente produzido pelos alunos da escola, onde atuam 11 bolsista e dois supervisores. Para isso, os estudantes foram estimulados a dividirem-se e pesquisar sobre os temas propostos. ■

PIBID, GRADUAÇÃO E PROFISSIONAIS DO FUTURO

Não há dúvidas na opinião dos 22 bolsistas sobre o quanto o projeto é importante para sua graduação. É nele que aprendem à como desenvolver o ensino da disciplina, conquistando o interesse dos alunos, tornando-se profissionais e seres humanos melhores para a sociedade.

Leticia Moura nos contou o crescimento pessoal que teve nesses quatro meses como bolsista. Por ter estudado a vida toda em colégio particular, Leticia vive no projeto uma experiência totalmente diferente da que tinha na escola. E agora diz poder refletir sobre ambas, entendendo o contexto das escolas públicas e particulares.

Já para Joille Santana, o Pibid mostrou o que é a escola, o que é trabalhar com adolescentes:

“Sem o projeto eu chegaria num colégio para dar aula sem o menor preparo. O que a gente aprende na universidade sobre planejamento de aula, é muito diferente da realidade.”

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, PESSOAL E ACADÊMICA GUIAM PIBID HISTÓRIA EM SEROPÉDICA

O desejo de transformar uma comunidade leva o grupo para mais além da graduação



Noventa e oito pessoas e um só ideal: levar a história a um entendimento mais profundo para a sociedade

► Letycia Nascimento

Com 80 bolsistas, 14 supervisores e quatro coordenadores, o Pibid História de Seropédica desenvolve suas atividades sobre o tema “Ensinar História por meio da investigação: fontes históricas e linguagens contemporâneas nas escolas públicas de Seropédica.”

Através de reflexões e pesquisas sobre as escolas e a vivência de cada um dos alunos, as equipes divididas em nove instituições da cidade, constroem estratégias didáticas para o ensino da História aplicadas às necessidades de cada classe.

É sobre a atuação do projeto na Escola Estadual Municipal Izada Bananal, localizada no Jardim Maracanã, em Seropédica, que iremos entender melhor a aplicação do projeto. A escola a 10km do Centro de Seropédica e atende a alunos da região que deu início ao município.

ENTENDENDO POR ONDE SEGUIR

O projeto começou em 2014, com a análise dos bolsistas sobre tudo o que envolve a escola: seu projeto pedagógico, número de professores e carência dos alunos, por exemplo. Concomitante a isso, os componentes desenvolveram atividades como oficinas para entender melhor os alunos com os quais desenvolveriam as atividades no ano de 2015.

Para a coordenadora Renata Rozental, o objetivo dos estudos etnográficos da escola é para que a história não seja produzida apenas num espaço profissional, mas que o espaço da escola possa ser aproveitado como um todo para esses bolsistas.

Com isso, os coordenadores puderam trazer aos universitários as reflexões de dentro da escola sobre os temas que surgiram em seus levantamentos. Para que assim possam ampliar seu olhar sobre o currículo mínimo escolar, isso por meio de oficinas e atividades didáticas.

Fazer os bolsistas entenderem que é preciso levar as disciplinas aos alunos sob um olhar amplo, contextualizado com a atualidade, também é um exercício do programa.

Ainda no primeiro ano de desenvolvimento do projeto, em 2014, através da brincadeira do “pique bandeirinha” os bolsistas levaram aos alunos o tema do *apartheid* e toda sua importância para a sociedade. Foi a partir das observações desses alunos na culminância do projeto *apartheid* em um musical, que se encontrou a forma de trabalhar em todo o ano de 2015. O racismo e preconceitos naturalizados na escola foi o assunto de destaque em suas pesquisas.

São quatro as turmas em que o Pibid atua na escola, todas trabalhando questões étnicas raciais, cada uma em sua especificidade.

DESENVOLVER E FORMAR

Compreender o processo de comunica-

ção humana foi o tema escolhido para iniciar o desenvolvimento do projeto com o sexto ano. Estimular suas percepções com a escrita e a oralidade foi a primeira necessidade percebida. Com o avanço nessa área, os pibidianos puderam chegar com êxito às questões étnicas raciais, tendo como base autores africanos importantes para a comunicação humana.

A conscientização e a valorização racial e religiosa da cultura negra, trabalhada com o sétimo ano, se desenvolveram com a exposição sobre a expansão marítima.

Foi a partir das observações feitas pelos universitários bolsistas em uma aula, em 2014, que surgiu o tema do *candomblé*. Nesse contexto, eles observaram a urgência de abordar o tema junto aos alunos.

“Um deles [aluno da escola] parecia ser das religiões afro descendentes, mas não se manifestou a respeito. Instantaneamente sofreu dos outros alunos diversos preconceitos com frases como ‘isso é do diabo’. Foi a partir daí, que vimos a emergência de abordar o tema da religião e da religiosidade”, afirma Wagner Perrotta, bolsista do projeto.

A partir da etnografia, os bolsistas mudaram totalmente a forma como pretendiam desenvolver o projeto.

O Pibid mudou a cara do curso na Universidade.”

Gláucia Montoro

coordenadora de área do subprojeto

O grupo fecha suas atividades com a escola após trabalhar a identidade racial com as turmas de oitavo e nono ano, tema que também surgiu graças a uma oficina. Os alunos foram estimulados a associar fotos de pessoas aleatórias a diversas profissões como pedreiro, engenheiro e médicos.

“Aí a gente viu o quanto eles têm esse preconceito velado neles. Todos colocaram pessoas negras em profissões subalternas ou não valorizadas”, declara Nathália Bastos, bolsista do projeto.

Para todo o grupo a marca chave deixada pelo Pibid na escola foi a mudança de postura

de um aluno do 9º ano, Marcos (nome fictício), que após um ano e meio de aprendizado junto ao projeto teve uma mudança de postura surpreendente. Foi com muita emoção que a supervisora, Márcia Motta, contou a todos que ele passou a se enxergar como um ser capaz de mudar sua própria história, e se inscreveu para prova do Colégio Técnico da Universidade Rural (Ctur), o que antes, sem o Pibid, nunca aconteceria. Assim como Marcos, outros alunos foram tirados de suas zonas de conforto, desafiados a progredir por um futuro melhor.



WELTON PATRÍCIO

Através do musical sobre o *apartheid*, os alunos puderam entender melhor a importância da liberdade dos negros

É com muita leitura, desafiando sua própria criatividade e vontades que os bolsistas desenvolvem o projeto para os alunos, para uma comunidade, para o futuro, para sua própria graduação.

“Aprender a planejar as aulas agora é, sem dúvida, um diferencial que o Pibid proporciona aos bolsistas, porque eles já chegarão às escolas quando formados, conhecendo o que é uma escola, como funciona, qual a melhor forma de passar o aprendizado”, conclui a coordenadora Gláucia Montoro.

PRIMEIRA SEMANA DE HISTÓRIA DO BANANAL

Um dos maiores e mais prazerosos desafios enfrentados pelos bolsistas, foi a elaboração da Primeira Semana de História do Bananal, com dias divididos entre oficinas, palestras e grupos de discussão. O evento foi desenvolvido e aconteceu de modo que funcionasse da melhor forma com cada turma, respeitando as questões gerais de cada classe.

A bolsista do projeto Geyza Cardoso, já pôde enxergar com o Pibid as dificuldades que irá enfrentar no meio profissional e se quer ou não isso para sua vida.

“Se for pra desistir de um pequeno caso, a gente desiste da docência logo”, disse ao se deparar com as dificuldades enfrentadas durante o evento da Semana de História.

Laís de Paula, bolsista do projeto, nos contou nunca ter imaginado encontrar no ensino da disciplina de história a necessidade de trabalhar dentro da sala de aula, o preconceito, a visão do negro, as relações étnicas raciais.

“Eu nunca imaginei que os meus temas de interesse dentro da história estariam ali, disponíveis para trabalhar na escola.”

“O Pibid mudou a cara do curso na universidade e isso é visível principalmente nos temas de monografia que agora são muito maiores na área da docência”, concluiu Gláucia Montoro. ■

INTERDISCIPLINAR N.IGUAÇU: DIÁLOGO ENTRE ÁREAS NO IM

Interdisciplinar utiliza linguagem como ponte entre Letras, Matemática e Pedagogia



Coordenadoras de área Mônica Fernandes (à esquerda) e Soraia Kindel (penúltima à direita) com bolsistas e supervisoras do subprojeto: união em prol do ensino criativo e inclusivo

► Mateus Cabot

Um grupo que chama atenção pelo tamanho de sua área de atuação é o Pibid Interdisciplinar do Instituto Multidisciplinar (IM), em Nova Iguaçu, que engloba seis escolas e três cursos de graduação. Com o tema “Diálogos Interdisciplinares entre linguagens”, o grupo é uma junção dos cursos de Letras/Literaturas, Matemática e Pedagogia (que se subdivide em dois outros grupos menores). O Pibid Interdisciplinar tem como meta justamente o diálogo entre as áreas e a contribuição da linguagem para o ensino desde o português até o seu suposto antagonico, a matemática.

Os responsáveis por esse desafio são os coordenadores Soraia Kindel, de Matemática, que atua nas escolas municipais Anna Maria dos Santos Perobelli e Vereador Carlos Pereira Neto; Aírto Montagner, de Letras, que trabalha com o Colégio Estadual Dom Adriano Hipólito e no Instituto de Educação Rangel Pestana; Jonas Alves Jr., de Pedagogia, que atua na Escola Municipal Monteiro Lobato; e Mônica Fernandes, também de Pedagogia, que trabalha com a Escola Municipal Professor Ubirajara Ferreira. Os colégios que recebem os projetos de Matemática e Pedagogia estão localizados no município de Queimados, também Baixada Fluminense, a 16 quilômetros de Nova Iguaçu, onde o grupo de Letras/Literaturas se faz presente.

A INTERDISCIPLINARIDADE

Com a especificidade das áreas, cada grupo desenvolveu em sua escola uma linha de atuação. Em reuniões semanais, todos os integrantes se reúnem para debater, trocar experiências e se auxiliarem nas propostas e metodologias de aplicação. Com o grande número de envolvidos, o planejamento do Pibid Interdisciplinar de Nova Iguaçu é construído em conjunto.

“Fazer o diálogo entre essas áreas é o desafio que a gente vem enfrentando nos últimos dois anos”, aponta a coordenadora de Pedagogia Mônica Fernandes.

O subgrupo de Letras desenvolve seus projetos a partir do ensino da literatura e da linguagem que perpassa não só os textos clássicos como também outros olhares como a literatura marginal. Paralelo a isso, o subgrupo de Matemática também busca na linguagem outras formas de se ensinar permeando o caminho da

ludicidade. Pedagogia, com dois coordenadores, se dividiu em dois grupos menores: Diversidades e Letramentos, que atuam respectivamente com temas sociais no âmbito escolar e com o letramento infantil, ambos também perpassando o caminho da linguagem.

“A matemática não é uma receita, é algo que pode ser problematizado.”

Soraia Kindel
coordenadora de área do subprojeto

A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA

“É muito rico falar da importância da escrita no aprendizado da matemática, porque a escrita foi um pilar que desenvolvemos desde a idealização do projeto. É na interlocução entre as áreas que a formação dos bolsistas se dá”, introduz a coordenadora Mônica, que trabalha com alfabetização de turmas de 1º a 4º ano.

Ela conta que, apesar de em seu subgrupo (Letramentos) o uso da escrita ser mais explícito por ser a matéria prima para seu trabalho, todas as outras áreas se entrelaçam através da escrita, da narrativa e da linguagem:

“Esse movimento de entender o Pibid como espaço formativo e a escrita como elemento constituinte dessa formação é o que a gente definiu como caminho metodológico pra enfrentar o desafio de articular.”

ENSINO LÚDICO

A coordenadora Soraia Kindel conta que o “desafio é comandar a matemática para crianças com grande grau de dificuldade”. Com turmas de 4º e 5º ano, o grupo precisa desenvolver ações com alunos ainda não alfabetizados. Para isso, a coordenadora conta também sobre outro desafio:

“Passamos a utilizar a ludicidade para estimular a criatividade, a pesquisa e desenvolver conceitos matemáticos, e com isso também incluímos e trabalhamos a leitura e a escrita. O exercício de calcular e determinar não permite uma discussão, então como é que se colocam questões para que o outro fale e discuta matematicamente? A matemática não é uma receita, é algo que pode ser problematizado.”

Utilizando também a ludicidade como método de ensino com o apoio da leitura, o grupo de Pedagogia “Letramentos” desenvolveu durante o II Seminário Institucional do Pibid a oficina “Chá com Alice”. Com o apoio da prefeitura de Queimados para o transporte, cerca de 109 crianças estiveram no IM para participar de uma contação de história temática. O espaço produzido pelas bolsistas simulava o ambiente descrito na obra “Alice no País das Maravilhas”. A proposta, conta a coordenadora, foi trabalhar a experiência cultural das crianças e estimulá-las a expressar essa vivência. Após o evento, os alunos produziram narrativas baseadas no momento.

EDUCAÇÃO CRÍTICA

Atuando com alunos de 1º ao 5º ano da Escola Municipal Monteiro Lobato, em Queimados, o subgrupo de Pedagogia “Diversidades”, sob a coordenação do professor Jonas Alves Jr., trabalha com temas sociais que permeiam o ambiente escolar. Para isso, as bolsistas desenvolvem oficinas temáticas e buscam na linguagem – através da narrativa, da literatura e de curtas-metragens – questionamentos para debater com os alunos.

“Dentro da diversidade surgiu alguns eixos que as alunas vêm trabalhando, que são questões da educação especial, da cultura afrodescendente e questões de gênero”, explica a professora e supervisora Rosângela Honório. “São nessas atividades que as crianças se identificam, questionam, participam; e isso tem sido um desafio produtivo para nossos bolsistas”.

Assim como o subgrupo de Pedagogia, o coordenador Aírto Montagner também utiliza a literatura com seus bolsistas de Letras, que buscam levar para sala de aula outros olhares acerca da literatura. A proposta, comenta o coordenador, é promover um ensino atual. Para isso, os bolsistas desenvolvem atividades múltiplas, englobando literatura e poema com outras linguagens, como música e dança em Saraus culturais. Focam também em livros populares e autores marginais.

“É na interlocução entre as áreas que a formação dos bolsistas se dá.”

Mônica Fernandes
coordenadora de área do subprojeto

“Levamos em conta que nas escolas de segundo seguimento o ensino da literatura perdeu espaço”, aponta Aírto. “Ensinava-se muito o histórico dos autores clássicos, mas pouco se via a palavra, perdia-se a oportunidade para que o aluno, a partir deste, exercitasse a sua leitura, o seu sentido de texto”.

Seja no ensino da matemática, da literatura ou nas vivências pedagógicas dentro da escola, dois pontos se destacam para o funcionamento do grande grupo: o diálogo entre os coordenadores e graduandos e também a preocupação com a inserção do sujeito social do aluno na produção do conhecimento. Sobre essa inclusão, a coordenadora Mônica finaliza:

“A escola é um espaço de muito silenciamento para as crianças, um lugar onde falam pouco. O que começamos a fazer foi justamente o inverso: passamos a ouvir essas crianças.” ■

INTERDISCIPLINAR SEROPÉDICA: FAZENDO A DIFERENÇA NO ENSINO DE PORTUGUÊS E INGLÊS

Expressividade em textos de Língua Portuguesa e Inglesa: perspectivas de ensino



Coordenadoras de área Elisa Lima Abrantes (quarta da esq. p/ dir.) e Maria do Rosario Roxo (quinta da esq. p/ dir.) com bolsistas em exposição no Centro Cultural do Banco do Brasil no Centro do Rio de Janeiro

Como forma de participar da formação profissional do licenciado em Letras, o subprojeto interdisciplinar intitulado “Expressividade em textos de Língua Portuguesa e Inglesa: perspectivas de ensino”, do Câmpus Seropédica, atuou nas escolas municipais do município, tendo como foco o trabalho de leitura e escrita, em língua portuguesa e inglesa, através de temas que perpassam por questões culturais, étnicas e ambientais.

O subprojeto incide na relevância de que a leitura e escrita englobam estratégias de aprendizagem multidisciplinares, possibilitando ações de natureza cognitiva, cultural e participativa no espaço escolar. Ressaltamos que os projetos referentes às atividades pedagógicas foram integrados às proposições curriculares e ao calendário das escolas parceiras.

O subprojeto é coordenado pelas professoras Elisa Lima Abrantes e Maria do Rosario Roxo, ambas do Departamento de Letras e Comunicação-DLC-ICHS, e possui 24 bolsistas dos cursos de Licenciaturas em “Letras/Português” e “Letras/Inglês” do Câmpus Seropédica.

As escolas parceiras, localizadas no município de Seropé-

► *Por Maria do Rosario Roxo*

ca, são: Escola Municipal Promotor de Justiça Dr. André Luiz Mattos de Magalhães Peres, Escola Municipal Valtair Gabi, Escola Municipal José de Abreu e Escola Municipal Pastor Gerson Ferreira Costa e Escola Estadual Barão de Tefé.

No ano de 2015, foram realizadas atividades concernentes ao trabalho pedagógico com estudos relacionados à formação acadêmica e à formação pedagógica no âmbito da aprendizagem da leitura e escrita em língua portuguesa e em língua inglesa. Os encontros ocorreram semanalmente e as atividades pedagógicas foram criadas com base no interesse do grupo e no que discutíamos nesses encontros de estudo. Ressaltamos que a participação da professora supervisora tem sido de suma importância para que o grupo atue nas escolas parceiras, realizando os projetos de ensino-aprendizagem nos horários combinados. Outro ponto a destacar é que nosso subprojeto vem se integrando às atividades da escola, envolvendo as práticas pedagógicas relacionadas à leitura dos textos,

com destaque na elaboração de questões de interpretação e de produção textual. Nesse processo de formação dos bolsistas, destaca-se o quanto foi produtivo o tempo em que eles se dedicaram à própria elaboração de cada projeto pedagógico, víamos que o experimentar o próprio trabalho nas escolas possibilitava discussões envolvendo, por exemplo, a análise dos tipos de atividade que produziam o silenciamento (ou não) do aluno e o engessamento do estudo das estruturas da língua. Aliás, cabe dizer que as atividades pedagógicas propostas foram criadas com foco nos seguintes eixos: o da não exclusão, o da ética e o das potencialidades dos sujeitos aprendizes.

As ações propostas do subprojeto para o ano de 2016 também envolveram visitas técnico-culturais. E dentre as realizadas no ano de 2015, destaca-se a visita aos espaços culturais em São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, o Memorial da América Latina, o Centro Cultural São Paulo, o Museu de Arte Moderna (MAM), o Museu da Casa Brasileira, a Pinacoteca.

A bolsista Nayara Helenn Carvalho comenta sobre a visita do grupo à São Paulo:

“Foi ótimo para a contribuição de perspectivas positivas para a nossa formação acadêmica. Fomos a lugares culturais muito importantes para a expansão da língua materna no Brasil. Tivemos a oportunidade de conhecer o museu de língua portuguesa, que abrange toda a cronologia histórica e cultural da nossa língua e contribui para um vasto conhecimento literário. Conhecemos também muitas exposições interessantes com pinturas e esculturas, conhecemos pontos turísticos da cidade como o Mercado Municipal de São Paulo, o Museu de Artes da Cidade, o Parque Ibirapuera e a Casa das Rosas”.

As atividades pedagógicas relacionaram-se à criação de oficinas, exercícios para o trabalho de monitoria. Além desse tipo de trabalho pedagógico, os bolsistas atuaram nas escolas na Semana Cultural e nos Eventos na biblioteca.

OFICINA “(DES)CONSTRUÇÕES”

A Oficina “(DES)construções” teve por objetivo desenvolver debates em sala de aula com alunos de Ensino Médio, a fim de desconstruir os conceitos de opressão, oprimido e opressor. Durante a oficina, foram utilizadas músicas atuais para a reflexão acerca de suas Letras em língua portuguesa e duas em língua inglesa. Ao final, objetivava-se que os alunos escrevessem uma crônica sobre alguma experiência de opressão que vivenciaram, seja como oprimidos, seja como opressores. Não imaginávamos que a turma de Módulo II do EJA na Escola Estadual Barão de Tefé recebesse a oficina de maneira tão participativa. Os debates se iniciaram

com questões simples acerca das músicas e com a apresentação de conceitos como “oprimido”, “opressor” e “opressão” (a partir de Paulo Freire). O debate mostrou as diversas facetas da opressão aos alunos, que descreveram e refletiram acerca de seus papéis nesse sistema. Foi observado como a discussão de assuntos como machismo, racismo, homofobia, intolerância religiosa e classismo se mostrou importante para que os alunos entendessem seus espaços dentro de tais opressões estruturais, compreendendo também seus espaços de privilégio. Para a coordenação e bolsistas foi uma experiência positiva, pois o grupo realizou uma atividade que estreitou os laços com os alunos, não apenas na questão participativa, mas também pelas experiências compartilhadas.

OFICINA “UMA FOLHA QUALQUER”

A Oficina “Uma folha qualquer” teve como objetivo o estudo da canção “Aquarela”, de Vinícius de Moraes, proporcionando o conhecimento da música popular brasileira. A música foi cantada pela turma e foi discutido o tema sobre o que se pode criar a partir de uma folha em branco. A coordenação do subprojeto destaca o quanto foi produtivo o diálogo com os alunos, a fim de discutir as possíveis interpretações da canção.

I DEBATE ABERTO

Para colaborar com as licenciaturas dos cursos de Letras da UFRRJ, o Pibid Interdisciplinar Seropédica realizou o “I Debate Aberto” intitulado “Identidades situadas nas relações de ensino” que aconteceu em março de 2015 no Auditório Paulo Freire, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais-ICHS, da UFRRJ. Neste evento, os debatedores foram os bolsistas e tiveram oportunidade de discutir questões contemporâneas sobre “identidade” e “aprendizagem” no contexto escolar. Destaca-se também a participação dos bolsistas e da coordenação em eventos acadêmicos institucionais, além da produção científica de resumos e artigos científicos.

Para a coordenadora Maria do Rosario Roxo, o Pibid tem possibilitado aos licenciandos uma experiência singular, experiência não só de conhecimento acadêmico mas também de vivências profissionais das mais distintas.

“É preciso destacar o quanto o Pibid tem colaborado para que a formação do licenciando seja a de ver a escola como lugar das oportunidades e das experiências inusitadas, tendo o aluno como sujeito aprendiz. A sala de aula é um lugar dinâmico e interativo que propicia a potencialização do processo de aprender” concluiu Maria do Rosario Roxo. ■



Subprojeto Interdisciplinar de Seropédica atua em escolas do município incentivando à escrita e a leitura de livros em português e inglês

ATENÇÃO À CULTURA HISPÂNICA, PIBID ESPANHOL PLANEJA SUAS AULAS

Com muita atenção e pesquisa, o projeto se desenvolve em cinco escolas da Baixada

PIBID ESPANHOL - NOVA IGUAÇU



Com muito estudo e discussão teórica, bolsistas chegam às salas de aulas cheios de entusiasmo para lecionar

► Letycia Nascimento

Dividido em quatro áreas de aprendizado dentro do ensino de língua espanhola como língua estrangeira, o Pibid Espanhol do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ trabalha sobre o título de “Discurso linguístico-intercultural nas aulas de Espanhol como língua estrangeira a partir do uso das TIC (tecnologias de informação e comunicação)”. E é sob a coordenação das professoras Débora Zoletti, Maristela Pinto, Rosineide Guilherme e Viviane Antunes que ele se desenvolve em cinco escolas de ensino básico, distribuídas entre os municípios de Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu e Seropédica.

Cada uma das professoras nos contou como funciona o desenvolvimento de sua área de trabalho, que se diferenciam apenas em sua fase final de aplicação.

É com o ensino do espanhol através da literatura que a professora Débora Zoletti atua no Ciep Alberto Pasqualine e no Instituto Educacional Rangel Pestana, onde também há a participação da professora Maristela Pinto, com ensino sobre a oralidade. Segundo Débora, o desejo de trabalhar com a literatura no

ensino da língua surgiu principalmente através de um estudo feito no início dos anos 2000, que indicou a importância de trabalhá-los em sala de forma complexa e não na superficialidade em que eram abordados.

“Sempre pareceu que a leitura de textos literários só acontecia se restasse tempo. Nos livros soa como ‘Ah sobraram cinco minutos, vamos ler esse texto aqui sem nem dizer nada sobre ele’”, desabafa.

É possível perceber que o ensino da língua é, ainda, muito tradicional, sem discussões práticas ou embasamentos sociais e é esse o objetivo do projeto com a abordagem intercultural.

Ensinar aos alunos da educação básica a como desenvolver sua oralidade hispânica é a missão da professora Maristela Pinto junto aos bolsistas, que com ela participam do Pi-

bid. Com embasamento em artigos acerca da língua, os bolsistas suscitam discussões bibliográficas e atuais sobre a vida dos autores que irão trabalhar em determinada aula, junto aos aproximadamente 400 alunos da educação básica que participam do projeto. Muitos desses alunos não fazem ideia que falasse espanhol.

“A gente vê muito nos alunos o espanto em descobrir que o espanhol é uma língua falada, não uma língua morta, visto que a oralidade é tratada de forma secundária ou até mesmo não tratada em sala de aula da Educação Básica”, comenta Maristela.

PIBID ESPANHOL - NOVA IGUAÇU



Coordenadoras de área Maristela, Rosineide, Débora e Viviane (esq. p/ dir.) comandam projeto de Espanhol

Com o desenvolvimento das atividades, os alunos se deparam com apresentações orais em forma de teatro, música ou declamações, na culminância com o fim do ano.

É nesse mesmo molde que atuam as professoras Rosineide Guilherme, com os Estudos Culturais junto aos alunos do Instituto Educacional Rangel Pestana e do Colégio Estadual Dom Pedro I, ambos de ensino Normal (formação de professores); e Viviane Antunes, com a promoção da cidadania, por meio da compreensão leitora intermediada pelas TIC, no Colégio Técnico da Universidade Rural (Ctur) e no Colégio Estadual Aydano de Almeida.

São 61 bolsistas que participam ao todo do projeto e uma fila de mais de 10 alunos que desejam participar. É com empenho que eles se dedicam a viver uma vida acadêmica com atuação direta dos benefícios trazidos pelo Pibid.

“Eles sempre falam que o aluno entra no projeto de uma maneira e sai outro, sai transformado para o mercado de trabalho”, contou Maristela Pinto entusiasmada.

Todas as coordenadoras consideram que o projeto traz aos alunos da graduação a prática do que é efetivamente ser professor. Com o Pibid, os bolsistas são capazes de identificar os

erros e acertos em uma sala de aula e isso os tornam capazes de desenvolver atividades mais bem sucedidas e com maior eficácia.

Pensar a relação entre a Universidade e a escola é o imprescindível a todos os envolvidos com o trabalho. Viviane Antunes considera o projeto de suma relevância por agrupar diversos insumos da educação e por desenvolver nos bolsistas o olhar e o pensar sobre a prática nas escolas, algo muito importante para sua formação, não só enquanto graduandos, mas como cidadãos.

“Eles saem conscientes de que há alunos que desejam aprender cada vez mais, só é preciso descobrir a ferramenta certa em cada situação”, declarou Viviane.

Propiciar um debate efetivo em sala de aula sobre temas relevantes de convivência social é uma das estratégias que leva o subprojeto às escolas. A ideia é que, a partir da reflexão sobre a elaboração do discurso e sobre temas como política, educação, saúde... os estudantes possam realizar uma leitura crítica sobre o mundo, encontrando uma maneira adequada de expor suas posições. Os supervisores, alunos-bolsistas e estudantes da educação básica ampliam seus conhecimentos com o subprojeto, que os faz pensar sobre situações no eixo da alteridade, da pluralidade cultural e linguística. No relacionamento do Brasil com os olhares hispânicos que nos rodeiam e se assemelham com os nossos.

O aluno entra no projeto de uma maneira e sai outro, sai transformado para o mercado de trabalho.”

Maristela Pinto
coordenadora de área do subprojeto

Com o projeto, bolsistas, supervisores, coordenadores e toda a comunidade educacional se testam, avaliam seus limites de criatividade e ampliam suas capacidades de passar o conhecimento para o outro. A noção de que o vínculo entre universidade e escola não pode ser diluído também é um dos benefícios que o projeto traz aos que com ele atuam.

“As pessoas não podem se perder nos conteúdos e esquecer que a função da escola é lançar um olhar para o desenvolvimento social dos alunos, melhorando suas relações com a sociedade”, afirma Viviane Antunes.

O resultado do projeto também é sentido com os trabalhos publicados e monografias feitas por ex-bolsistas, que passam a ter a educação como tema principal. Como é o caso de Wallace Modesto, que apresentou no fim de ano sua monografia sobre como se representam as contribuições afrodescendentes nos livros didáticos de espanhol, objetivando promover e discutir a interculturalidade no ensino de língua estrangeira. ■

PIBID LETRAS / PORTUGUÊS N. IGUAÇU: LEITURA E EDUCAÇÃO CRIATIVA NO IM

Projeto usa leitura como meio de incentivar o pensamento crítico



Coordenador Roberto ao lado do grupo de bolsistas: união em torno de ideais

► Mateus Cabot

No Instituto Multidisciplinar, em Nova Iguaçu, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro oferece duas graduações no campo de Letras: uma em Português/Literaturas e outra em Português/Espanhol. ANo grupo de Português e suas literaturas, o comando nos trabalhos do PIBID é do professor Roberto Rondinini, coordenador desde 2014, que propõe uma metodologia de ensino pautada nos conceitos de competências e habilidades. Segundo o professor, sua proposta vai em direção oposta ao ensino tradicional de memorização, que utiliza a repetição como principal método de ensino.

“O ensino por competências e habilidades é uma proposta europeia que se espalhou pelo mundo justamente com o advento das tecnologias, da internet e até da própria indústria. Com essas transformações de mundo, exige-se agora do profissional um tipo de formação não mais mecânica, mas sim um trabalhador capaz de solucionar problemas”, introduz Rondinini.

O professor pauta-se, então, em uma proposta crítica e criativa de ensino. A partir disso, a ideia de competência pode ser entendida como “a capacidade de acionar uma série de habilidades para se propor soluções cabíveis a um determinado problema”, em suas próprias palavras.

Especificamente, no português, pode-se trabalhar, por

exemplo, com a identificação de funções da linguagem, a inferência dos objetivos dos autores e a consideração do público-alvo no processo de leitura. Saber identificar e usar essas habilidades, conta o professor, são essenciais para que o aluno possa redigir e interpretar um texto de forma a perceber o que está implícito na produção do autor.

“Nós temos uma visão mais ampla do que seja o estudo da língua”, conclui Rondinini.

NO PIBID

Partindo desse ideal, o coordenador e sua equipe de dez bolsistas analisaram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Orientações Curriculares Nacionais (OCN) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) associados com a Matriz Curricular do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), para desenvolver o projeto junto a turmas de segundo ano no Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) Alberto Pasqualini, em Nova Iguaçu. Como as turmas que recebem o Pibid são do ensino médio, conta

“É importante que o aluno entenda qual é o seu papel histórico e social. E isso só se dá por meio da leitura.”

Roberto Rondinini
coordenador de área do subprojeto

Roberto, o grupo decidiu trabalhar com base na Matriz Curricular do Enem, que contempla a proposta de competências e habilidades.

Em sala de aula, o desafio é trabalhar o conteúdo programático das turmas de forma criativa, que de fato envolva os alunos em sua diversidade e considere suas competências individuais. Dentre os projetos de 2015, os alunos do Pibid de Letras/Português/Literaturas do IM desenvolveram, no final de setembro, a “Pibidoteca”, um espaço que estimula a crítica e questionamentos dos alunos a partir de leituras. A proposta, como define o coordenador, é que se desconstrua um ensino tradicional entendido como mero transmissor de informações sem reflexão:

“Para fugir dessa formação voltada exclusivamente para o trabalho e para formarmos profissionais que reflitam sobre problemas e os solucionem, a gente entra com a importância da leitura. É importante que o aluno desenvolva habilidades e, principalmente, entenda qual é o seu papel histórico e social e de que maneira seu trabalho impacta no mundo. E isso só se dá por meio da leitura”.

Paralelo ao conteúdo em sala e às atividades cotidianas propostas pelo professor da turma, os bolsistas buscam desenvolver, nos alunos, o hábito constante da leitura.

“E essa leitura não é só a leitura do texto literário”, explica o professor. “Mas também de diversas modalidades e gêneros textuais, assim como do próprio mundo”.



Pibidoteca possui acervo com dezenas de livros

LEITURA TRANSFORMADORA

Nesse contexto, a Pibidoteca foi um dos principais experimentos. Os bolsistas reuniram uma caixa de livros – também por falta de espaço, explica o coordenador –, com publicações doadas ou compradas pelos participantes do projeto. A partir dessa compilação, o grupo desenvolveu um evento com o mesmo nome na escola de atuação.

“O objetivo foi aprimorar o interesse pela leitura e valorizar a sua importância”, conta Roberto.

No evento, os bolsistas exibiram o curta-metragem “Os Fantásticos Livros Voadores do Senhor Morris Lessmore”, ganhador do Oscar de Melhor Animação em 2012.

Após a exibição, alunos e bolsistas se reuniram para montar um livro interativo, em que cada um escreveu e reuniu as sensações e lembranças que o filme despertou.

“O legal foi que a gente ambientou os alunos. Colocamos fumaça para parecer com as nuvens do desenho, letras que caíam do céu, tudo para eles se sentirem dentro daquele ambiente. Fizemos, ainda, ingressos que eles precisavam entregar na porta, antes de entrarem naquele mundo dos livros que nós criamos”, Rondinini.

A atividade da Pibidoteca reuniu, também, contação de histórias, reelaboração de contos e empréstimo de livros.

“Os Fantásticos Livros Voadores do Senhor Morris Lessmore”

O curta relembra a tragédia do Furacão Katrina (que destruiu diversas cidades norte-americanas em 2005) e se baseia no clássico “O Magico de Óz” para contar a trajetória de um escritor solitário que vivia entediado, concentrado em escrever a sua história, até o dia em que uma tempestade embaralha todas as letras e transforma o mundo em um lugar em preto e branco. Após encontrar uma garota voando na companhia de livros, o escritor torna-se um bibliotecário empenhado em levar o mundo da leitura para vida de outras pessoas.

A EXPERIÊNCIA

“A visão das bolsistas não é mais uma visão de aluna, mas de profissionais”, afirma o coordenador.

O grupo de 10 graduandas acompanha, semanalmente, as atividades desenvolvidas pela professora supervisora no Ciep e, também, reúne-se no Câmpus Nova Iguaçu da Universidade Rural para troca de percepções e aprimoramento das experiências.

“O objetivo de ir à escola é o de acompanhar o cotidiano escolar e o de se preparar para quando elas foram sozinhas para a sala de aula”, concluiu.

Paralelo ao acompanhamento das aulas, o grupo desenvolve atividades em sala, nas quais aborda cada uma das competências e habilidades relativas à língua portuguesa pontuadas na Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Enem e, ao final de cada semestre, promove um evento. A Pibidoteca foi um desses encerramentos e fechou o ciclo que tratava das funções da linguagem. Agora, o projeto se prepara para trabalhar com o patrimônio linguístico nacional, adianta o professor:

“Nessa nova fase, vamos trabalhar com a língua indígena, quilombola, com a cultura desses grupos. E ao final, produziremos uma atividade que vai encerrar esse novo ciclo”, finalizou. ■

PIBID PEDAGOGIA: RESGATE À INFÂNCIA E À MEMÓRIA LOCAL

Projeto trabalha o que é ser criança no município de Seropédica



Contação de histórias é uma das metodologias utilizadas pelo grupo para reconstruir a memória coletiva sobre brincadeiras e clássicos infantis

► Mateus Cabot

Responsável pelas turmas do ensino infantil e fundamental da Escola Municipal José de Abreu, no Jardim Campo Lindo, em Seropédica, o subprojeto de Pedagogia atua com um importante tema para a região: a identidade. Sob coordenação das professoras Adriana Alves Fernandes Costa e Juaciara Barrozo Gomes, desde o início de 2014, o extenso grupo com 24 bolsistas de graduação se propõe a resgatar, junto aos alunos, a memória histórica da cidade de Seropédica para fortalecer o reconhecimento dos próprios moradores na comunidade onde vivem. Para isso, o tema perpassa as ações na escola através de diferentes atividades: teatro com fantoches, produções textuais, brincadeiras e estudos sobre a história de vida.

“A proposta nasce olhando pra necessidade tanto da escola e também em diálogo com as bolsistas. É importante, porque a gente entende que vai colaborar tanto na identidade da infância, do ser criança, como também do que é ser criança aqui em Seropédica”, explica a coordenadora Adriana Costa.

A partir dessa necessidade de reviver as características culturais da região, as bolsistas, que se dividem em seis grupos de cinco alunas, passaram a trabalhar em sala com rodas de contação de

história, teatro e atividades relacionadas à investigação da história do bairro Campo Lindo, bem como com entrevistas aos próprios moradores.

PLANEJAMENTO

Como grande número de graduandas bolsistas, as duas coordenadoras se uniram a quatro professoras da escola para montar diferentes grupos de ação, a partir da formação de cada uma e a linha de atuação. Ao total, são seis turmas, com uma professora e cinco bolsistas.

“A professora que tem mais experiência com educação infantil, desenvolve trabalho com as crianças da educação infantil. Eu, que tenho mais experiência com ensino fundamental, atuo com as turmas de nível mais avançado”, explica Adriana. “Então a gente, no grupo de professores colaboradores, tentamos nos dividir pra dar conta dessa demanda entre as duas modalidades”.

A proposta do trabalho em conjunto é justamente para se fazer uma ponte entre as professoras da escola com as da universidade, de forma a definir como as atividades desenvolvidas pelo Pibid podem contribuir com o projeto político e pedagógico da José de Abreu.

RESGATANDO A MEMÓRIA

“Quando a gente submeteu a proposta sobre identidade, pensamos em montar um projeto para a escola. Mas ao longo do tempo esse projeto foi aperfeiçoado. Entendemos que não dá pra trabalhar a questão da identidade sem antes resgatar a memória”, afirma Adriana.

Trabalhar com identidade promove o olhar da criança enquanto cidadã.”

Adriana Costa
coordenadora de área do subprojeto

Para desenvolver o tema central de resgate à identidade e à infância, o grupo passou a pesquisar e aplicar atividades dentro de sala que remetessem à história da própria escola e da cidade, de forma a não somente trabalhar a identidade estudantil dos alunos, mas a identidade enquanto sujeitos. Pensando nessa integração com a sociedade local e com o intuito de fazê-los vivenciar a experiência de se reconhecer no lugar onde moram, os grupos produziram, também, atividades extra-sala, como levar as crianças em excursões para brinquedotecas, museus e cidades vizinhas como Paracambi.

Buscando a identidade do que é ser criança, uma das propostas foi a produção de cartas bibliográficas, onde os próprios alunos puderam contar sua história de vida para a construção de um livro. A atividade não só instigou a produção como a reafirmação e memória da história individual de cada aluno. A produção, principalmente pelas revisões semanais feitas em sala e pelo gênero já definido, desenvolveu aspectos de aprendizagem essenciais não só

para o tema como para a bagagem criativa dos alunos.

“Essa atividade, em que elas têm que produzir, rever, revisar texto, pensando que esses textos se tornaram um livrinho, e que esse material vai ser apresentado para a sociedade, chegar a pessoas que poderão lê-lo, tem uma finalidade social e um impacto na aprendizagem que vai para além do tema identidade”, pontua Adriana. “O aluno aprender a ler e a escrever não está só dentro do tema, mas é um ensino que vai construir a história dele enquanto aluno.”

RESULTADOS

A falta de referências não atinge somente quanto ao bairro onde se situa a escola ou cidade onde moram as crianças, mas afeta o próprio reconhecimento da infância. A coordenadora comenta que muitas crianças não sabiam brincadeiras típicas, tampouco conseguiam falar sobre o que é ser criança em Seropédica. E através dos exercícios lúdicos desenvolvidos pelas bolsistas e das atividades de memória local, as crianças passaram a se enxergar enquanto sujeito.

A mudança no olhar, porém, afeta não só aos alunos como também às professoras da escola. Adriana diz que ao chegarem na escola, as bolsistas despertam expectativa em torno das atividades por serem atividades motivacionais, diferentes das escolarizadas no cotidiano:

“Desenvolvem-se no dialogo com as professoras da escola e as ajudam a repensar a sua própria prática. Então não é um processo formativo só para as crianças, mas é um processo formativo também para as professoras que estão nessa sala de aula.”

Questionada sobre as transformações vivenciadas em sala de aula, a coordenadora afirma que as atividades promovidas pelo Pibid influenciam de maneira importante no processo de aprendizagem das crianças:

“Não são só atividades diferenciadas ou recreativas. Elas são atividades que possuem uma intencionalidade. E o que eu acho mais gratificante é conseguir enxergar essa mudança. É interessante observar o quanto a gente trabalhar com identidade promove o olhar da criança enquanto cidadã. Ela sendo cidadã agora, no presente, e não cidadã do futuro”. ■



Estudantes do ensino básico produzem suas cartas bibliográficas, onde contaram sua história de vida para a construção de um livro



A FALA DA REITORA

DA IMPORTÂNCIA DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE



Reitora da UFRRJ, Ana Maria Dantas Soares, afirma que o Pibid possibilitou maior integração entre estudantes e docentes com a realidade da Educação Básica

O Pibid é um programa que veio responder a uma histórica reivindicação dos docentes e pesquisadores da área de Educação, em especial da área de Formação de Professores, que na discussão sobre a melhoria da qualidade do ensino, destacavam a necessidade de uma maior relação teoria-prática e, sobretudo, uma maior contextualização dessa formação, aproximando a dinâmica curricular de cada um dos cursos de Licenciatura da realidade da educação básica. A própria valorização da carreira docente e o estímulo a práticas inovadoras no processo ensino-aprendizagem foram os elementos fundantes da proposta do Pibid.

A possibilidade de integração entre estudantes e docentes da educação superior com a realidade da docência na educação básica, numa perspectiva interdisciplinar, foi a principal

motivação para a criação do programa que se estabeleceu nas instituições públicas de ensino superior a partir de 2007, ocasião em que a UFRRJ teve o seu primeiro projeto aprovado. Para os estudantes dos cursos de Licenciatura e para docentes e estudantes da educação básica a experiência do Pibid tem representado uma efetiva contribuição à melhoria de sua formação e, por via de consequência, para a melhoria da qualidade da educação pública.

Consideramos que, pela experiência já desenvolvida e consolidada e pelos excelentes resultados alcançados na UFRRJ e demais universidades, como também nas escolas de educação básica, a continuidade do Pibid é fundamental, assim como é fundamental a sua constante avaliação a partir da sempre profícua e enriquecedora discussão entre os diferentes atores que dele participam, para corrigir trajetórias e permitir a melhoria de suas práticas e a construção de novas propostas de atuação. Conscientes de sua importância, continuamos todos os que defendemos uma educação pública, gratuita e de qualidade, socialmente referenciada, a lutar pela manutenção do Pibid e pelo respeito à dignidade da carreira docente. ■



DESTAQUE

PIBID ALAVANCA O DESENVOLVIMENTO INTERPESSOAL DE BOLSISTAS DE APOIO TÉCNICO

O Programa de Iniciação à Docência da Universidade estimula não só os pibidianos, mas todos os envolvidos com o projeto a melhorarem seu desenvolvimento

LETYCIA NASCIMENTO / ASSESSORIA PROGRAD



Natália Tavares e Tiago Pimentel levam com companheirismo a parceria como únicos bolsistas de apoio técnico acadêmico do Pibid

► Letycia Nascimento

Os bolsistas de apoio técnico-acadêmico do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), Natália Carolina Oliveira Tavares e Tiago da Silva Pimentel, são os responsáveis pelo auxílio na organização do programa nas áreas de secretariado e financeiro, respectivamente.

No programa, há mais de um ano, Natália, que é aluna do oitavo período de letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, viu seu desenvolvimento interpessoal alavancar após sua entrada no Pibid. Para ela, desde sua entrada no programa, a mudança no trato

com as pessoas foi notória e fundamental na para a conclusão de sua graduação.

Muito tímida, Natália nos contou que o programa foi antes de tudo um desafio consigo mesma. Ter que lidar com diversos professores e alunos, bolsistas ou não do projeto trouxe a ela o desenvolvimento de sua personalidade e confiança em lidar com as pessoas.

Já Tiago Pimentel, aluno do curso de Ciência da Computação da Universidade, é bolsista de apoio técnico desde agosto. Apesar de ter poucas experiências com o programa, suas impressões já são as melhores possíveis.

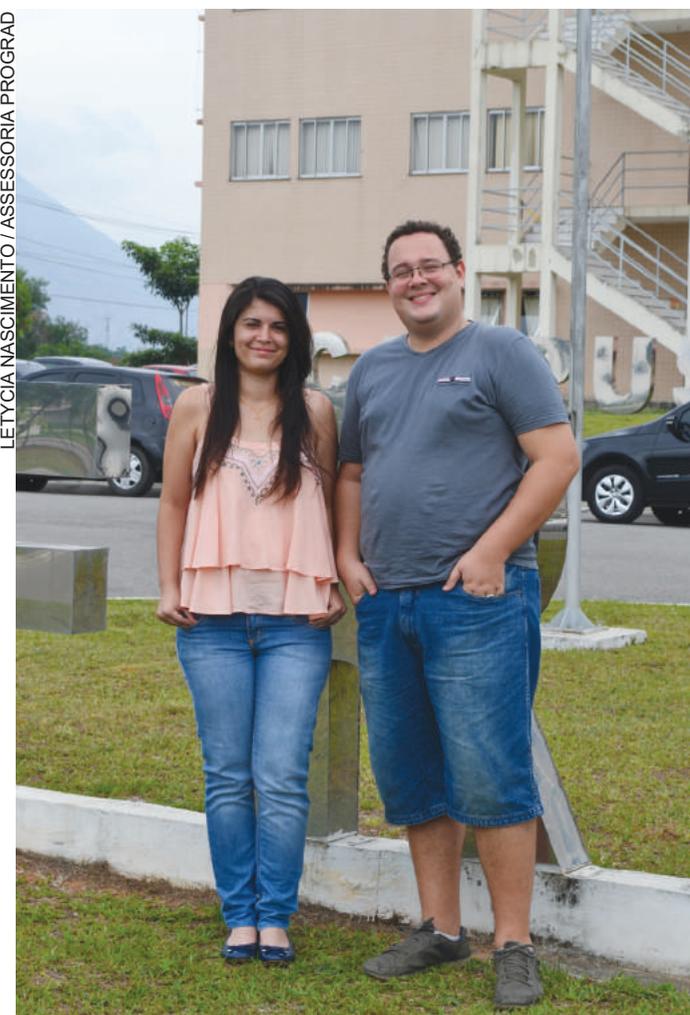
Para ele, envolver-se de uma forma mais direta com programas da Universidade é uma excelente forma de participar da vida acadêmica, conhecendo os caminhos e burocracias que perpassam as atividades desenvolvidas.

Natália e Tiago exercem suas atividades em 16 horas semanais, dentro do horário de funcionamento do setor, parte com atendimento ao público, parte com o trabalho interno, que incluem arquivamento de documentos, resolução de processos administrativos, financeiros, controle do blog dos subprojetos, organização de eventos junto aos coordenadores dentre tantas outras diversas atividades.

Com a falta de um servidor técnico-administrativo para o Pibid, todas as tramitações de processos de Seropédica e Nova Iguaçu, passam por eles, na sala 212 do Bloco Multimídia, no IM.

As segundas, quartas e quintas se reúnem com a coordenadora institucional, Sara Fazollo, para esclarecimentos de diversos assuntos a serem trabalhados. ■

LETYCIA NASCIMENTO / ASSESSORIA PROGRAD



Bolsistas de apoio técnico acadêmico, Natália e Tiago desenvolvem atividades de auxílio ao secretariado e ao financeiro do programa

DESENVOLVIMENTO INTERPESSOAL

Moscovici (2003), para relatar sobre relacionamento interpessoal, ressalta que desde sempre a convivência humana é difícil e desafiante, e que às vezes interferências ou reações, sejam voluntárias ou não, constituem o processo de interação humana, logo o processo de interação é complexo e ocorre entre pessoas, sob a forma de comportamentos, fala verbal e não verbais, pensamentos, sentimentos e reações, ou seja, o fato de sentir a presença do outro já é interação.

Assim as relações interpessoais ocorrem em decorrência do processo de interação. Em local de trabalho há atividades predeterminadas a serem executadas, logo interações e sentimentos recomendados, como: comunicação, cooperação, respeito e amizade. A partir do desenvolvimento dessas atividades e interações, os sentimentos podem ser despertados de diversas maneiras. Sendo importante destacar que o ciclo atividades-interações-sentimentos, não se relaciona diretamente com a competência técnica de cada pessoa, ou seja, profissionais competentes individualmente podem render muito pouco em relação a atividades grupais da situação de trabalho.



EU RECOMENDO!

SARA ARAÚJO BRITO FAZOLLO



- >> professora de Língua Espanhola e Linguística Aplicada do Departamento de Letras, IM/UFRRJ
- >> coordenadora institucional do Pibid/UFRRJ

“Recomendo o filme cubano “Numa escola de Havana”, do diretor Ernesto Daranas, 2014. Título original “Conducta”. O filme, como sugere o título em português, não é só sobre educação, é muito mais do que isso. Faz-nos refletir sobre as relações humanas, os sentimentos e os conflitos vivenciados na realidade das práticas sociais e como isso pode impactar as vivências e as experiências da sala de aula. O filme leva o espectador/leitor a ir muito mais além da escola tradicional, permite-nos ir às fronteiras críticas do infinito recriando e tecendo novas emoções. Vale muito a pena!”

FRANCISCO JOSÉ DIAS DE MORAES



- >> professor de filosofia do Departamento de Filosofia, ICHS/UFRRJ
- >> coordenador de área de gestão de processos educacionais do Pibid/UFRRJ

“Recomendo “As flores em vida”, de Nelson Cavaquinho, na voz e violão do próprio compositor. É uma das músicas mais belas que já ouvi na vida...”

ILLAN PELLEMBERG



Administradores do Pibid/UFRRJ: a coordenadora institucional, Sara Fazollo, reunida com os coordenadores de área de gestão de processos educacionais e bolsista de apoio técnico-acadêmico

GUSTAVO SOUTO PERDIGÃO GRANHA



- >> professor de Cartografia do Departamento de Educação e Sociedade, IM/UFRRJ
- >> coordenador de área de gestão de processos educacionais do Pibid/UFRRJ

“O livro que eu recomendo chama-se “A vida que vale a pena ser vivida”, dos professores Clovis de Barros Filho e Arthur Meucci. Muito diferente do que o título possa insinuar, tal obra não apresenta fórmulas prontas para uma “vida boa”, tal como costumeiramente encontramos nos manuais de autoajuda. Este livro, de maneira contrária, problematiza e reflete sobre as angústias geradas a partir da soberania que possuímos ao deliberarmos sobre as nossas próprias vidas.”

NATÁLIA CAROLINA OLIVEIRA TAVARES



- >> graduanda em Letras - Português/Literaturas - Câmpus Nova Iguaçu (8º período)
- >> bolsista de apoio técnico do Pibid

Recomendo Vidas ao vento, de Hayao Miyazaki (Estúdios Ghibli), 2013. Trata-se de uma animação repleta de conteúdo e emoção, de forma que transita entre a fantasia e o real para contar a cinebiografia de Jiro Horikoshi. Tal filme pode ser apresentado de inúmeras formas e em diferentes disciplinas, pois é uma animação densa, mas encantadora que possui uma narrativa criativa e sedutora capaz de despertar a atenção de alunos de qualquer idade. Uma obra que acima de tudo prima a reflexão, super recomendo!

WANDERLEY DA SILVA



- >> professor de Ensino de Filosofia do Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino, IE/UFRRJ
- >> coordenador de área de gestão de processos educacionais do Pibid/UFRRJ

“Recomendo, ou eu gosto, do bom-humor, da conversa sem pressa, de conhecer gente que se “refresca em qualquer sombrinha”... Minha sugestão é ler (e ouvir) em voz alta, na companhia das/os amigas/os, poesia com suco, água, vinho, cerveja... pode ser “Amar se aprende amando” (Carlos Drummond de Andrade), mas com risos e alegria!”

VLADIMYR LOMBARDO JORGE



- >> professor de Ciência Política do Departamento de Ciências Sociais, ICHS/UFRRJ
- >> coordenador de área de gestão de processos educacionais do Pibid/UFRRJ

“Indico a coletânea Comunicação e Cidadania: Conceitos e Processos, organizado por Dione Moura entre outros. Julgo ser esta uma obra bastante útil porque os autores abordam vários temas incluindo a relação com os conceitos e processos da cidadania. Desta forma, o leitor terá contato, sob diferentes ângulos, com um debate sobre a reflexão teórica e prática empírica relacionadas, direta ou indiretamente, às mais variadas questões: mídia e política, comunicação pública, cinema e sociedade etc.”

QUEM FAZ

KLEBER COSTA



CAMILE CORTEZINI / ASSESSORIA PROGRAD

- >> **assessor de comunicação da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**
- >> **graduado em Jornalismo pela UFRRJ**
- >> **natural de Uberlândia/MG**
- >> **na Rural desde 2011**

“Eu sou Kleber Costa, tenho 23 anos, nascido e criado em Uberlândia, Minas Gerais. Bom, a minha relação com a Rural começa há cinco anos, em 2011, quando eu fui aprovado para o curso de Jornalismo. Era a realização do meu maior sonho naquele momento: cursar o que sempre almejei em uma Universidade Federal. Eu tinha acabado de completar 19 anos e decidi ir para o Rio de Janeiro, que fica a cerca de mil quilômetros da minha cidade natal. Foi um tanto difícil no início, afinal eu nunca tinha ficado tão longe da minha família, dos meus amigos e da minha casa. Mas, com o passar do tempo, aprendi a controlar a saudade e criei laços fortes com pessoas que conheci através da Rural.

Cheguei à Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) em 2012, como estagiário. Fiquei por nove meses e saí para fazer outros estágios, um deles na capital fluminense. Regressei em junho de 2015, quando fui convidado pela Lígia Machado, pró-reitora de graduação, a assumir a Assessoria de Comunicação da Prograd. Foi desafiador, até porque eu não havia concluído a graduação - ainda era estudante da Rural - mas aceitei e estou muito feliz com a equipe que formei junto aos meus estagiários e ao web design da Prograd, Vitor Apolinário. Juntos, ajudamos uns aos outros e conseguimos alavancar a comunicação da Pró-Reitoria com os estudantes de Graduação. A nossa missão agora é encontrar novas formas de interação com os universitários e aperfeiçoar o fluido das informações da Prograd.”

LETYCIA NASCIMENTO



ARQUIVO PESSOAL

- >> **estagiária de Jornalismo da Assessoria de Comunicação da Prograd/UFRRJ**
- >> **graduanda do 4º período de Jornalismo**
- >> **natural do Rio de Janeiro/RJ**
- >> **na Rural desde 2014**

“Cheguei na Rural em 2014 sem a menor ideia de como seria minha vida acadêmica e como desenvolveria o jornalismo tão longe do centro do Rio. Por isso participar de uma produção tão intensa, como a revista, foi extremamente prazeroso e significativo. Poder ver o quanto o Pibid é maravilhoso pra formação não só dos graduandos como dos alunos que o recebem foi um ponto de esperança, talvez se eu tivesse recebido o Pibid na época da escola, teria um leque muito maior de gostos acadêmicos a influenciar minha escolha profissional. Para o futuro espero poder trabalhar com o jornalismo na área de Relações Internacionais.”



VITOR APOLINARIO / ASSESS. PROGRAD

VITOR APOLINARIO / ASSESSORIA PROGRAD



Kleber Costa, assessor de comunicação da Prograd/UFRRJ, e trio de estagiários que produziram a quarta edição da “Revista Pibid”

WALLERYA ROSA



ARQUIVO PESSOAL

- >> **estagiária de Belas Artes da Assessoria de Comunicação da Prograd/UFRRJ**
- >> **graduanda do 6º período de Belas Artes**
- >> **natural do Rio de Janeiro/RJ**
- >> **na Rural desde 2013**

“Comecei na graduação com grande apreço pelo fazer artístico, porém, sem ter consciência da amplitude do campo de atuação. Desse modo, a produção da revista foi uma oportunidade de aplicar conhecimentos adquiridos durante a formação, aprender novas habilidades e somar com um projeto de grande importância na formação docente como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.”

MATEUS CABOT



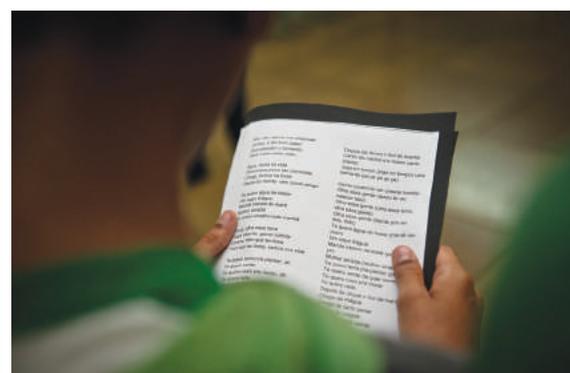
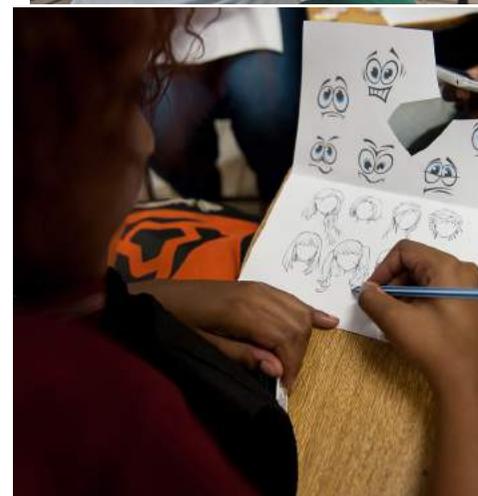
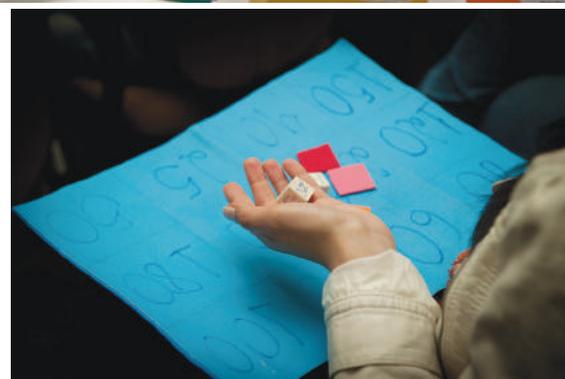
ARQUIVO PESSOAL

- >> **estagiário de Jornalismo da Assessoria de Comunicação da Prograd/UFRRJ**
- >> **graduanda do 6º período de Jornalismo**
- >> **natural de Campinas/SP**
- >> **na Rural desde 2011**

“Estou na Rural há quatro anos. Passei por Letras antes de cursar Comunicação e no período tive a oportunidade de participar do Pibid. Talvez por isso, produzir a revista teve um significado pessoal pra mim. Pude não só participar da produção como também relembrar os meus momentos junto ao projeto e reconhecer, mais uma vez, a sua importância para a formação dos licenciandos da Rural e principalmente a contribuição para as escolas da região. Contribuição essa também pra mim, que trago para a minha atual área os conhecimentos que obtive na licenciatura e as vivências que somei com o Pibid.”

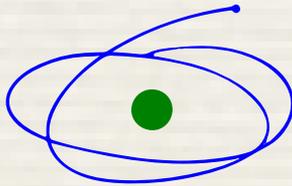
OLHARES

Em 16 e 17 de junho de 2015, aconteceu o II Seminário Institucional do Pibid/UFRRJ nos câmpus Seropédica e Nova Iguaçu da Universidade Rural e em duas escolas parceiras - o Colégio Técnico da UFRRJ e o Centro de Apoio Integral à Criança Paulo Dacorso Filho (Caic). O evento teve como finalidade divulgar e compartilhar as experiências e práticas pedagógicas realizadas pelos 19 subprojetos do Programa de Iniciação à Docência. E ele se constitui em mais uma das atividades do projeto institucional da UFRRJ que objetivam garantir o direito constitucional dos cidadãos à uma vida digna, através da aquisição de conhecimentos, possibilitada por uma educação capaz de atender às demandas democráticas da sociedade. Na sessão "olhares" você pode acompanhar através das lentes de **Illan Pelenberg** um pouco do que foi este grande evento.





UFRRJ



C A P E S

